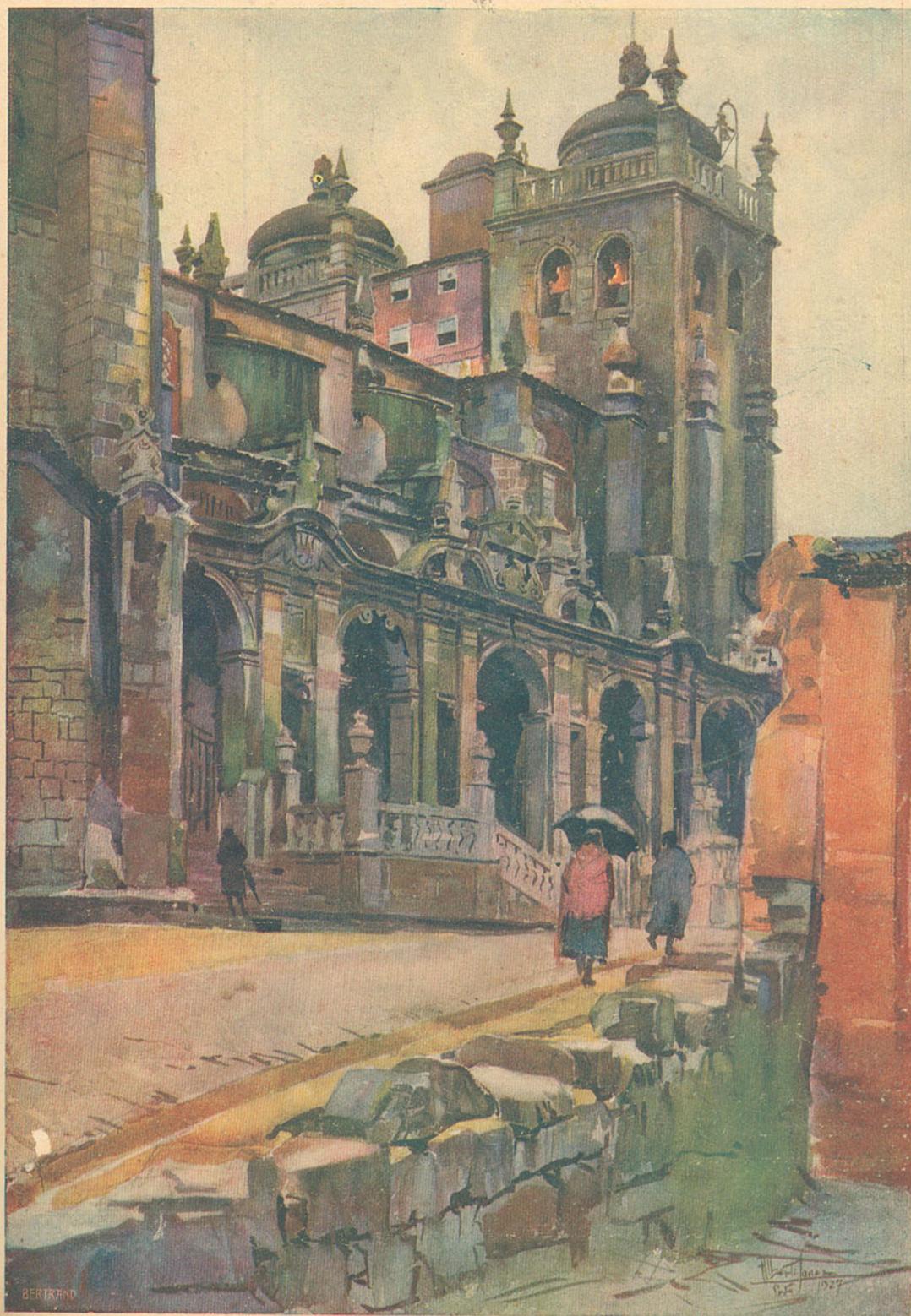


ILUSTRAÇÃO





Ollizki - Moerlens

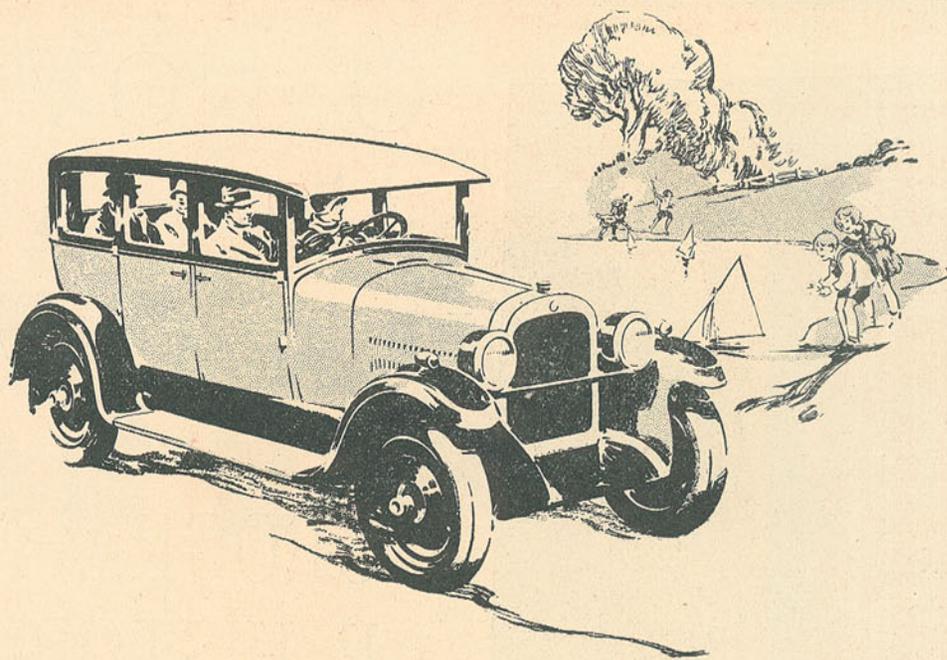
Veramon
Schering



acalma as dores

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansaço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despesa insignificante e tirara d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

80316322



O NOVO DODGE QUATRO

O novo modelo DODGE BROTHERS é o mais veloz 4 cilindros americano. Sem o minimo esforço dá uma velocidade de 100 á hora e isto com a maior suavidade e ausencia absoluta de vibração.

A sua aceleração é extraordinaria pois atinge uma velocidade de 40 á hora em menos de 7 segundos.

Apesar da potencia do seu motor, que lhe permite subir a maioria das rampas em prise directa, o seu consumo é extraordinariamente reduzido: 9 1/2 litros aos 100 quilometros, em prise directa e a 40 quilometros á hora.

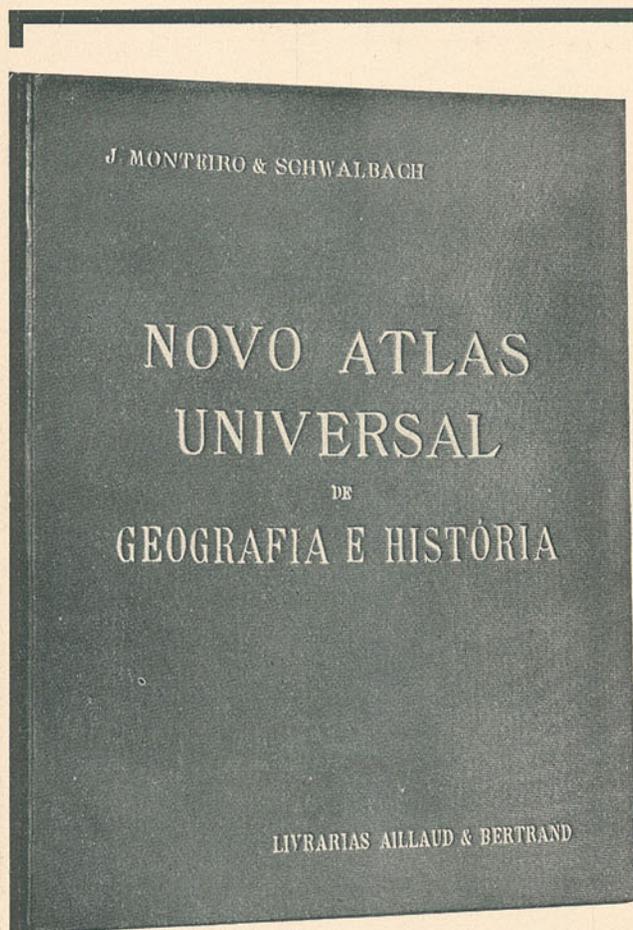
E a sua qualidade é a bem conhecida qualidade de todos os produtos DODGE BROTHERS, os fabricantes que nos seus automoveis empregam maior percentagem de aço chromo-vanadio de que qualquer outro fabricante, americano ou europeu.

BERNARDINO CORREA, LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA—PORTO—LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



O NOVO
ATLAS
UNIVERSAL
DE
GEOGRAFIA
E HISTÓRIA

POR

J. MONTEIRO E L. SCHWALBACH

131 MAPAS

O mais completo e barato de todos os Atlas nacionais e estrangeiros, indispensavel a todos que se dedicam a assuntos geograficos e historicos, possuindo incontestavel valor:

- a) *PARA OS ENGENHEIROS, COMERCIANTES AGRICULTORES E INDUSTRIAIS:*
(Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agrícola, geológico e mineiro; Planisfério com estações radiotelegráficas.)
- b) *PARA OS CARTÓGRAFOS:*
(Teoria das projecções mais usadas em geografia.)
- c) *PARA OS FILOGOS:*
(Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)
- d) *PARA OS COLONIAIS:*
(Numerosos mapas das colónias portuguesas.)

Pela primeira vez aparecem os mapas relativos ás conquistas portuguesas em Marrocos, (sob a direcção do Dr. David Lopes) e as grandes regiões e sistemas de montanhas da Península Iberica. No mapa politico de Portugal já figura o novo distrito de Lisboa

PREÇO: 50\$00 ESCUDOS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

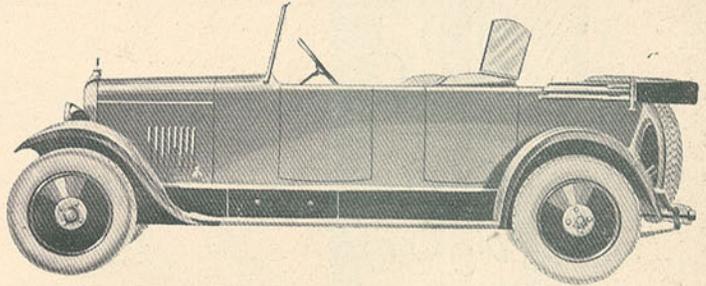
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O ENORME SUCESSO DO SALÃO DE PARIS,
FOI SEM CONTESTAÇÃO

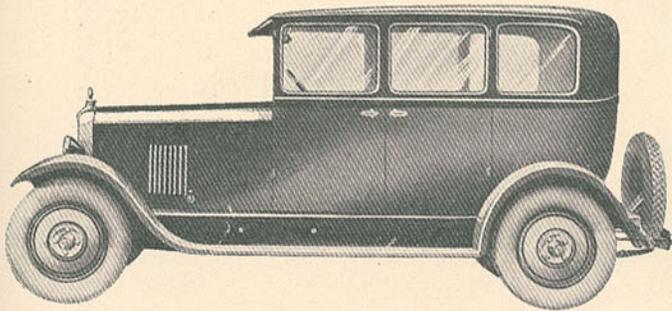
O AUTOMÓVEL

CITROËN

que com as suas 22 carroseries, duma elegância ainda não igualada, fazem dêste carro o preferido por todos os compradores, desejando possuir um carro fabricado na Europa, portanto económico e duma resistência bem comprovada por alguns milhares em circulação em Portugal.



Torpedo Luxo, modelo 1928,
cujos acessórios valem mais de Esc. 3.000\$00 — Esc. 22.500\$00

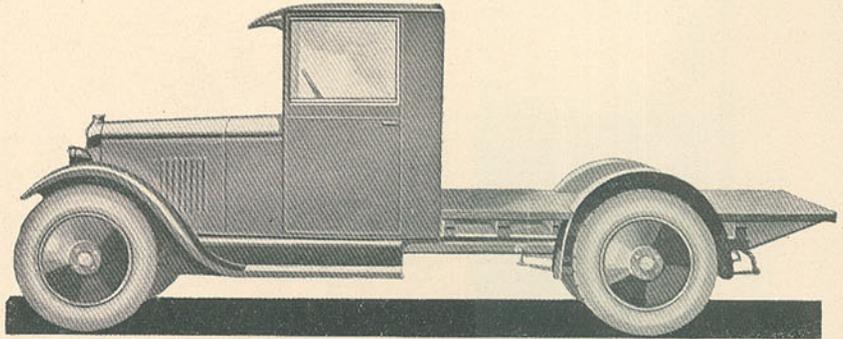


Conduite Interior, modelo 1928, nova forma de carroseries,
duma requintada elegancia — Esc. 26.500\$00

Pede-se a todos os futuros compradores de automóveis de turismo, de praça ou de Camionetes, que antes de fixarem a sua escolha se nos dirijam, afim de lhes proporcionarmos tôdas as experiências que julguem úteis não só em Lisboa, mas em qualquer ponto do País, mostrando-lhes ao mesmo tempo qual o modelo que deverão adquirir em harmonia com os serviços a que se destinam.

O Automóvel «CITROËN» é hoje um carro de luxo, custando o preço do automóvel barato.

A beleza das suas carroseries inteiramente metálicas, colocadas sobre o célebre chassis B-14, onde todos os aperfeiçoamentos, os mais modernos, lhe foram aplicados, distinguem o «CITROËN», de tudo quanto no mercado mundial tem aparecido.



Camionete 1.000 quilos, já carrossada — Esc. 20.000\$00

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A

“AUTOMOVEIS CITROËN” — 46, Avenida da Liberdade — LISBOA

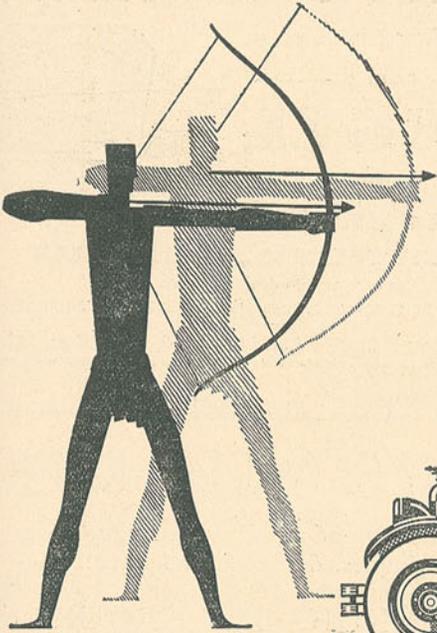
SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telegramas: «Citroen-Lisboa»

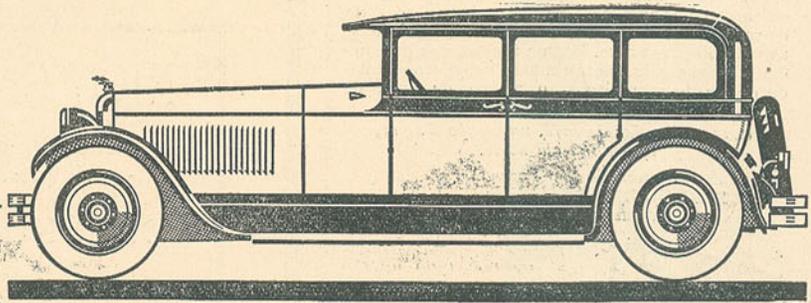
Telefones: N-2206, N-4055

BERTRAND
IRMÃOS

FOTOGRAVADORES
T. DA CONDESSA DO RIO 27
TEL. T. 96
LISBOA



Elegancia.



A elegancia dos Studebakers é comparavel á beleza do atleta, cuja musculatura harmonisa com a graça estética.

Isto mesmo succede com o Studebaker "Director". A sua elegancia não é artificial; tem por alicerces as qualidades de raça, permitam-nos a expressão, realizadas em todos os seus modelos pela Studebaker, o mais antigo constructor de automoveis de luxo em todo o mundo.

Carro dum funcionamento inalteravel, seja a que velocidade fôr, apto para obter as melhores medias, muito espaçoso para 5 logares, carrossado em aço, o "Director" tem, alem d'isso, todos os accessorios de grande luxo.

O seu motor silencioso e de grande elasticidade, o seu mecanismo impecavel, garantem a facilidade de andamento, sua caracteristica, e a elegancia confortavel de todo o seu aspecto.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS, LDA.
LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.
PORTO : Praça da Liberdade
Edificio da Nacional.

STUDEBAKER



S. a. 102.



Gostaes Dos Bons Bocados ?

Na verdade são muito agradaveis, mas o peor é o mal que fazem à saúde! Para recompôr o estomago e intestinos e evitar-lhes qualquer fadiga, não ha como recorrer regularmente aos saes de fructa "ENO".

O ENO é uma preparação salina efervescente, sem assucar ou sal mineral purgativo, que dá vigor ao organismo e anula os efeitos das indisposições do estomago e figado, devidos a um desvio ou falta de regimen. O ENO estimula o intestino, desobstruindo-o suavemente. Possui muitas das propriedades benéficas da fructa e é, para os gulosos e amadores de bons petiscos, o amigo de hoje, de amanhã e de sempre.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e à noite.

Depositarios em Portugal :
ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



Dôres do Estomago

alliviadas

com o
REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS
Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

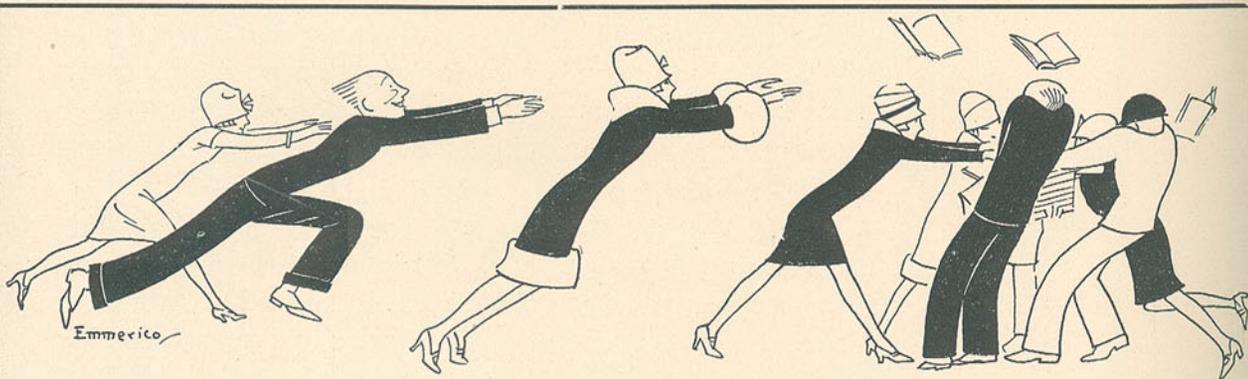
INICIAÇÃO GEOGRÁFICA

Todos a podem obter, por uma forma
-- simples, desde que adquiram o --

COMPÊNDIO DE GEOGRAFIA
DE *LUIS SCHWALBACH*

A' venda nas
LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PREÇO:
5\$00 escudos

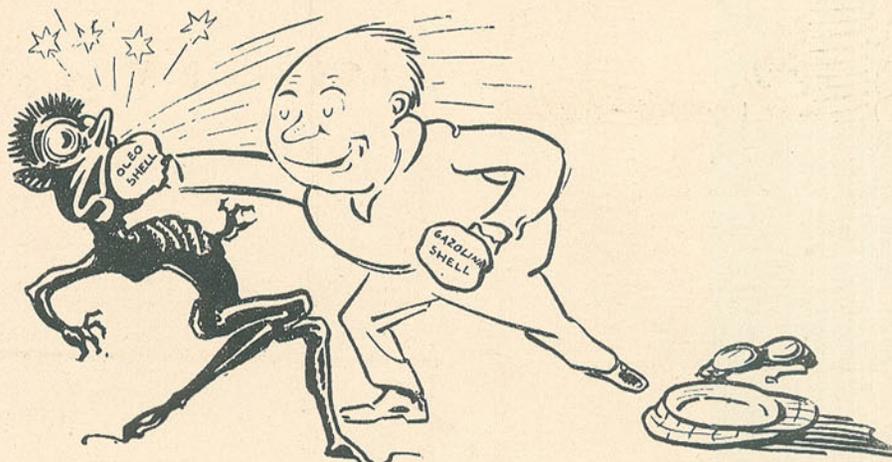


Foi posto á venda mais um numero do
MAGAZINE

N.º II BERTRAND N.º II

Todos os estudiosos devem adquirir a
HISTÓRIA DE PORTUGAL DE ALEXANDRE HERCULANO
à venda aos volumes e por assinatura nas **LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

AUTOMOBILISTAS



COMBATEI O CARVÃO

Está travada uma verdadeira batalha entre o automobilista e o carvão.

O automobilista vencerá facilmente o seu velho inimigo .. O EXCESSO DE CARVÃO.

A ciência combate a seu lado, pois os produtos SHELL estão cientificamente estudados para reduzir ao mínimo este excesso.

Usados simultaneamente a GAZOLINA E ÓLEOS SHELL conservarão o vosso motor com o mínimo de carvão possível.

Não há dúvida alguma a este respeito, factos provam-no constantemente.

Combatei o velho inimigo do vosso motor usando exclusivamente

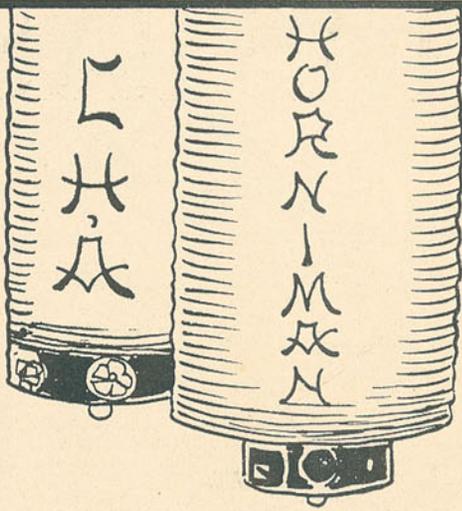
SHELL

GAZOLINA E OLEOS



THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^o L.^{TD} — LISBOA

OS PRODUTOS SHELL VENDEM-SE EM TODOS AS BOAS GARAGES



A MELHOR
SOCIEDADE DE
TODO O MUNDO,
ATÉ A CHINA
PREFERE O



CHÁ
HORNIMAN

REPRESENTANTES:

No NORTE - Amadeu Ribeiro da Cunha - Rua Fernandes Thomaz, 379 - PORTO
No SUL - Carlos de Sá Pereira Lda - Rua Arco do Bandeira, 115 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

• •
DIRECTOR :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO :
JOÃO DE SOUSA FONSECA
• •

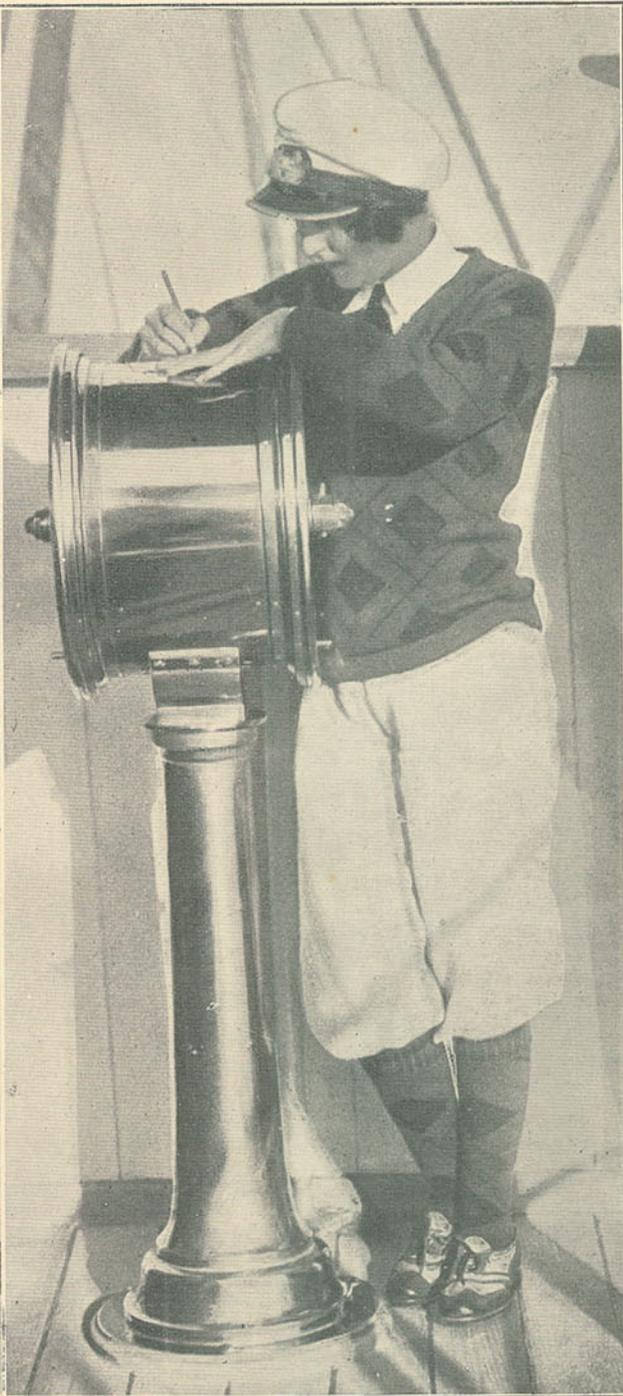
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

I DE NOVEMBRO DE 1927

ANO 2.º — NÚMERO 45



DEUSA DOS MARES



DEUSA DOS ARES

À HORA A QUE O «LIMÁ» SUBIA, MAGESTÁTICAMENTE, O ESTUÁRIO MAGNÍFICO DO TEJO E A BELEZA AMERICANA MISS RUTH ELDER, REUNIA OS PENSAMENTOS DE TODOS OS PORTUGUESES, UMA SENHORA PORTUGUESA, TÃO BELA E MAIS FEMININA DO QUE A ARROJADA AVIADORA, RESSUSCITAVA, NO ESTORIL, A LENDA DE BELEZA DE AMPITRITE

CRÓNICA DA QUINZENA

Mostram as estatísticas que Portugal é um país insufficientemente alimentado, e ainda mais insufficientemente instruído. Consumimos pouco pão, pouca carne, pouco arroz, pouco leite, e sendo o País grandemente produtor de vinho, bem se pode dizer que o consumimos, por cabeça, em dose insufficiente, quer o consideremos como alimento, quer o consideremos como estímulo. São em grande número, os bebedos; mas na casa dos pobres e remediados o vinho só entra por festas, em garrafas de sete decilitros.

Pode-se dizer, dum modo geral, que as Nações vivem da Agricultura e enriquecem pelo Comércio e Indústria. Ora sucede que a nossa Agricultura, por motivos de vária ordem, não produz em quantidade suficiente o que é necessário para nos alimentarmos, mesmo fazendo perigosas restrições à nossa alimentação, e como o nosso Comércio é excessivamente modesto, e a nossa Indústria é quasi rudimentar, nem sequer daí tiramos recursos compensadores do que não podemos obter da nossa exploração agrícola.

Hoje o nosso operário, o das cidades e o dos campos, alimenta-se um pouco melhor do que se alimentava há uma dúzia de anos; mas considere-se o que êle consome em pão, em carne, em bacalhau, em assucar, hoje considerado como um bom alimento, e ver-se-há que ainda fica longe de consumir, na sua qualidade de máquina que trabalha, o que é necessário que consuma para se conservar e produzir, isto é, para ser, economicamente considerado, um valor social.

Tornou-se banal dizer que um País vale o que valer a sua população, mas entende-se, geralmente, que a população vale mais pelo número que pela qualidade. E assim é que, por toda a parte, e não apenas em Portugal, o que preocupa os estadistas, muito mais que os sociólogos, é o numero de habitantes, o total da população, raros pensando em que vinte milhões de enfermos ou débeis não valem um milhão de homens sádios e vigorosos.

Sabe toda a gente, sabe-o pelo menos a maioria, com exclusão da parlamentar, que os indivíduos mal ou insufficientemente alimentados, além de darem um pequeno rendimento em trabalho, oferecem pouca resistência às variadíssimas causas de doença, sendo entre êles que se recruta o grosso da população dos hospitais — ante-câmaras dos cemitérios.

Por ser fraco, pode um indivíduo não se alimentar sufficientemente, agravando, assim, a sua ingénita fraqueza; mas a regra é resultar a fraqueza, áparte os casos de doença, duma insufficiente alimentação ou dum excesso de trabalho.

Os tuberculosos que se alimentam bem, e para isso é condição *sine qua non*, além dos recursos materiais, terem bom estômago e bons intestinos, isto é, um bom aparelho digestivo, são os que melhor resistirão, poderia escrever, sem grande perigo de errar, são os únicos que resistem à terrível doença,

de cada vez mais terrível, por alastrar cada vez mais. A preocupação de a curar, restituindo o tuberculoso à sua validez fisiológica, tem feito descuidar os bem conhecidos processos da sua profilaxia, sendo certo que em relação à tuberculose, como em relação a todos os males possíveis e imagináveis, vale mais prevenir que remediar.

Certo é que Portugal é um País insufficientemente alimentado, e como também é um País insufficientemente instruído, o seu futuro oferece perspectivas dolorosas, que é necessário encarar com serenidade e firmeza, prevenindo males que seriam, caso se produzissem, irremediáveis.

Disse Grasset que a melhor condição para se resistir à tuberculose... é ter uma boa saúde, exprimindo assim, de forma paradoxal, uma verdade profunda. O indivíduo é uma praça-forte, que o inimigo, transfigurado em mil formas de doença, ataca às vezes de improviso, já com hábitos de *camouflage* antes dos homens terem conseguido os ardis mais traiçoeiros como legítimos processos de guerra. A terapêutica, que é a Arte de curar, quando é sábiamente dirigida, multiplica as resistências do organismo, habilitando-o a sustentar vantajosamente a luta contra o inimigo, isto é, a doença, e algumas vezes, infelizmente poucas, actua directamente sobre os agentes patogénicos, aniquilando-os por completo numa só ou em repetidas batalhas. É o caso da difteria, por exemplo, é também o caso da raiva.

De tudo quanto fica dito se conclui que o valor social do homem resulta, em grande parte, na máxima parte, de ser forte, sadio, vigoroso, não dispensando êstes atributos físicos o concurso de atributos morais, como sejam o caracter e a intelligência.

*

A' instrução se tem chamado o pão do espírito, e nunca a retórica inventou frase mais conceituosa.

Ora sucede que o pão do espírito, em Portugal, é ainda mais parcimoniosamente distribuído que o pão do corpo, a darmos crédito às estatísticas, sendo certo que temos uma percentagem de 70 o/o de analfabetos, não constando que na redondeza do País, aqui ou além, mesmo em anos de mais escassa produção, algum morra de fome. Alimentação insufficiente, sim, é o regime duma grande parte da população; mas sempre há, para todos, uma cõdeia, que pode não ser do cereal nobre, o trigo, que pode nem sequer ser de milho, mas não deixa de alimentar sendo de cevada e centeio, ou apenas de centeio.

Teve muita voga esta frase de Victor Hugo — abrir uma escola é fechar uma cadeia.

Vivia-se, então, no convencimento de que a falta de instrução, que mais não fôsse a elementaríssima instrução que consiste no clássico ler, escrever e contar, era o factor principal, de todos o mais importante, da criminalidade, relegadas para um plano inferior as suas causas económicas, e mal se adivinhando, como numa bruma, as suas causas psico-sociais.

Reconheceu-se, mais tarde, pela rigorosa observação dos factos, que o mestre não dispensava o carcereiro, que as curvas representativas da instrução e da criminalidade, eram ambas ascendentes e paralelas. Na evolução progressiva das sociedades, o crime, como entidade jurídica, e igualmente como fenómeno psico-moral, foi-se modificando, foi-se transformando no sentido de em sempre a expressão dum estado social eminentemente instável — como um corpo que se desviou ou foi desviado duma certa forma de equilibrio e procura outra, com oscilações contínuas, sem a encontrar.

Diminuiu, em toda a parte, a percentagem dos analfabetos, e aumentou, em toda a parte, a percentagem dos criminosos.

Havemos concluir daqui, estabelecendo relações de causalidade onde apenas há coexistência no tempo e no espaço, que a instrução fomenta o crime, que a escola alimenta a cadeia, que o saber perverte a moral?

Seria concluir erradamente, porque seria tirar uma conclusão de premissas que a não comportam.

Nesta corrente de ideias iríamos muito para além do espaço reservado a estas crónicas, e talvez não chegassemos a exprimir o pensamento, a realizar o propósito com que nos dispuzemos a escrevê-la.

Uma boa instrução, tomando esta palavra no seu mais largo significado pedagógico, fortalece o espírito, como uma boa alimentação, tomando a palavra no seu mais alto significado higiênico, fortalece o corpo, e só assim é possível realizar a velha fórmula, ideal como aspiração, do *mens sana in corpore sano*. As ideias lutam contra ideias, os sentimentos contra sentimentos, e se fôsse licito reduzir toda a fenomenolidade do espírito a estas duas categorias, diríamos que no campo das ideias, como no campo dos sentimentos, há um verdadeiro *struggle for life*, segundo a concepção darwiniana. Vencem, como em todas as lutas, os mais fortes, e sem dúvida os mais fortes, quanto a sentimentos e ideias, são muitas vezes, por falta duma boa instrução e duma boa educação, os mais anti-sociais, pelo menos os que representam uma menor conveniência para a boa ordem e o progressivo desenvolvimento da comunidade.

Muita fartura na cosinha, muita luz na escola, muita moral na família, muita honradez no Estado, e êste rebanho de seis milhões de cabeças poderá vir a ser uma congregação de seis milhões de almas.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

BRITO CAMACHO.

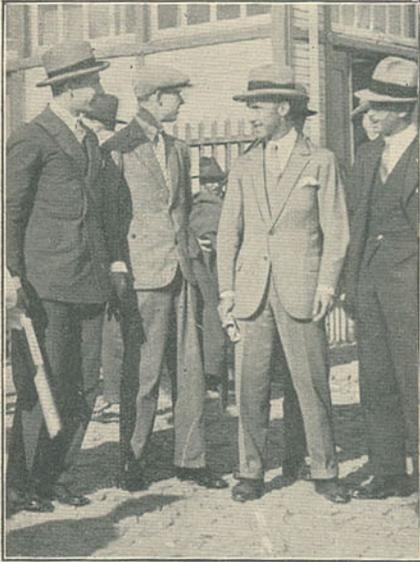
RUTH ELDER

A VÊNUS VOADORA, AO CHEGAR A LISBOA, POUSSOU PARA MÁRIO DE NOVAIS, ARTISTA FOTÓGRAFO E CUNHA BARROS, CARICATURISTA

(Exclusivos da Ilustração)



QUINZENA DE LISBOA



Uma procissão a Nossa Senhora do Rosário de Fátima efectuada em Lisboa, saindo da paróquia de S. Paulo

Jean Borotra, o vencedor da taça Davies em tennis, esteve em Lisboa de passagem para o Brazil. É o primeiro à esquerda na gravura



EM CIMA: A inauguração do monumento ao Patrão Lopes, em Paço d'Arcos, frente ao mar, com a assistência das autoridades supremas da Nação

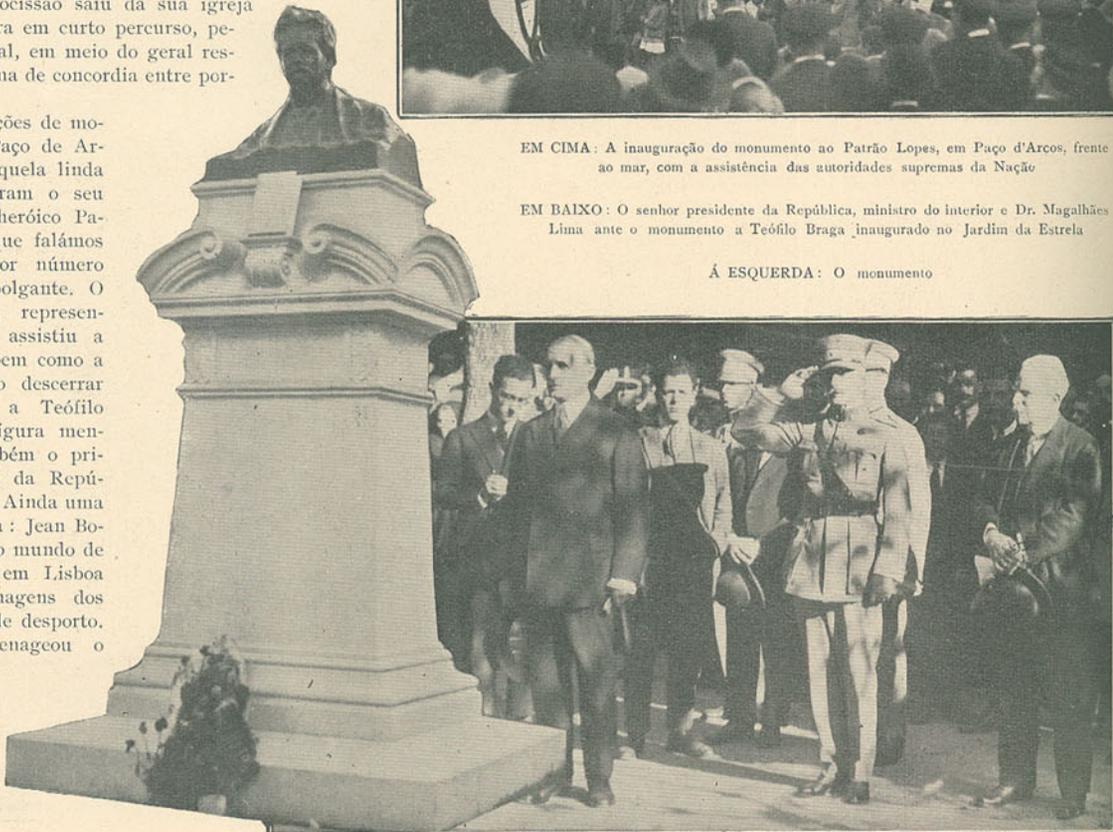
EM BAIXO: O senhor presidente da República, ministro do interior e Dr. Magalhães Lima ante o monumento a Teófilo Braga, inaugurado no Jardim da Estrela

À ESQUERDA: O monumento

Factos assás curiosos, nesta quinzena. Pela primeira vez, depois de muitos anos de injustificados pruridos de hostilidade, uma procissão safu da sua igreja desfilando, embora em curto percurso, pelas ruas da capital, em meio do geral respeito. Bom sintoma de concordia entre portugueses.

Duas inaugurações de monumentos. Em Paço de Arcos, os filhos daquela linda terra homenagearam o seu filho dilecto, o heróico Patrão Lopes, de que falámos no nosso anterior número num artigo empolgante. O elemento oficial, representando a Nação, assistiu a esta cerimónia, bem como a outra idêntica, o descerrar do monumento a Teófilo Braga, grande figura mental, que foi também o primeiro Presidente da República Portuguesa. Ainda uma notícia desportiva: Jean Borotra, campeão do mundo de «tennis», esteve em Lisboa recebendo homenagens dos seus camaradas de desporto.

Nêle se homenageou o primeiro europeu que ganhou a taça «Davis», trofeu máximo do «tennis» mundial. E... mais nada!



ACTUALIDADES



A comemoração da tomada de Lisboa, realizada no Castelo de S. Jorge área da antiga cidade, revestiu o aspecto duma grande festa cívica, de imponentíssimo significado nacionalista. As nossas fotografias representam o momento em que se hasteia sobre as muralhas a histórica bandeira branca de D. Afonso Henriques e a cerimónia da entrega da nova bandeira de caçadores 7, pelo senhor Ministro da Guerra

(Todos os clichés publicados na Ilustração são nossos=exclusivos)

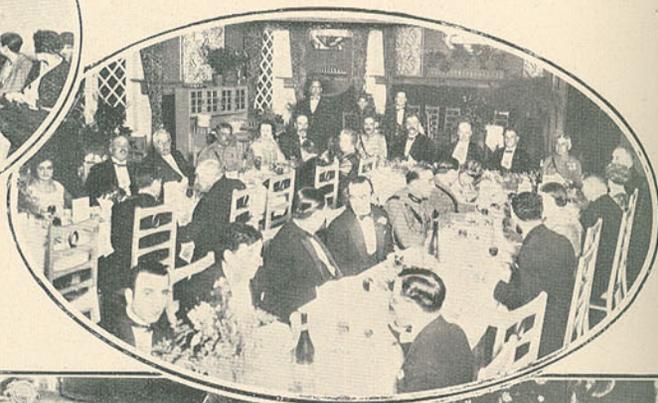


Em breves dias e de acôrdo com a grande casa Orey Antunes, Limitada representante dos soberbos carros Packard e Nash, começaremos os nossos *raids* às províncias de Portugal. Conduzido pelo técnico e az do volante Henrique de Brito, o formoso carro de que damos reprodução, levará a todos os cantos de Portugal o nosso fotógrafo Mário de Novais e o jornalista ilustre que é Castelo de Moraes, numa grande divulgação das nossas revistas que é um abraço a tóda a Terra Portuguesa

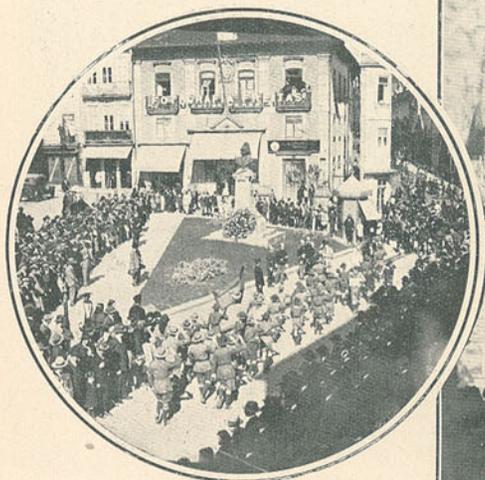
QUINZENA DO PORTO



O Grupo dos Modestos festejou as suas bodas de prata, num brilhante festival. O grupo dos Modestos é uma simpática e prestimosa agremiação artística que tem poderosamente contribuído para erguer o nível mental do público portuense



A Comissão Francesa de Viticultura foi oferecido um jantar no palácio de Cristal



Foram imponentes as homenagens ao grande filantropo Guilherme Gomes Fernandes, bombeiro abnegadíssimo, herói magnânimo. — Os escoteiros passaram respeitosamente em continência perante o monumento, num alto exemplo de veneração tributada pela mocidade a quem bem mereceu por suas obras de bem-fazer



Na Sé de Porto realizou-se a imponente ordenação de párocos, cerimónia impressionante — Os novos sacerdotes prostrados ante o altar

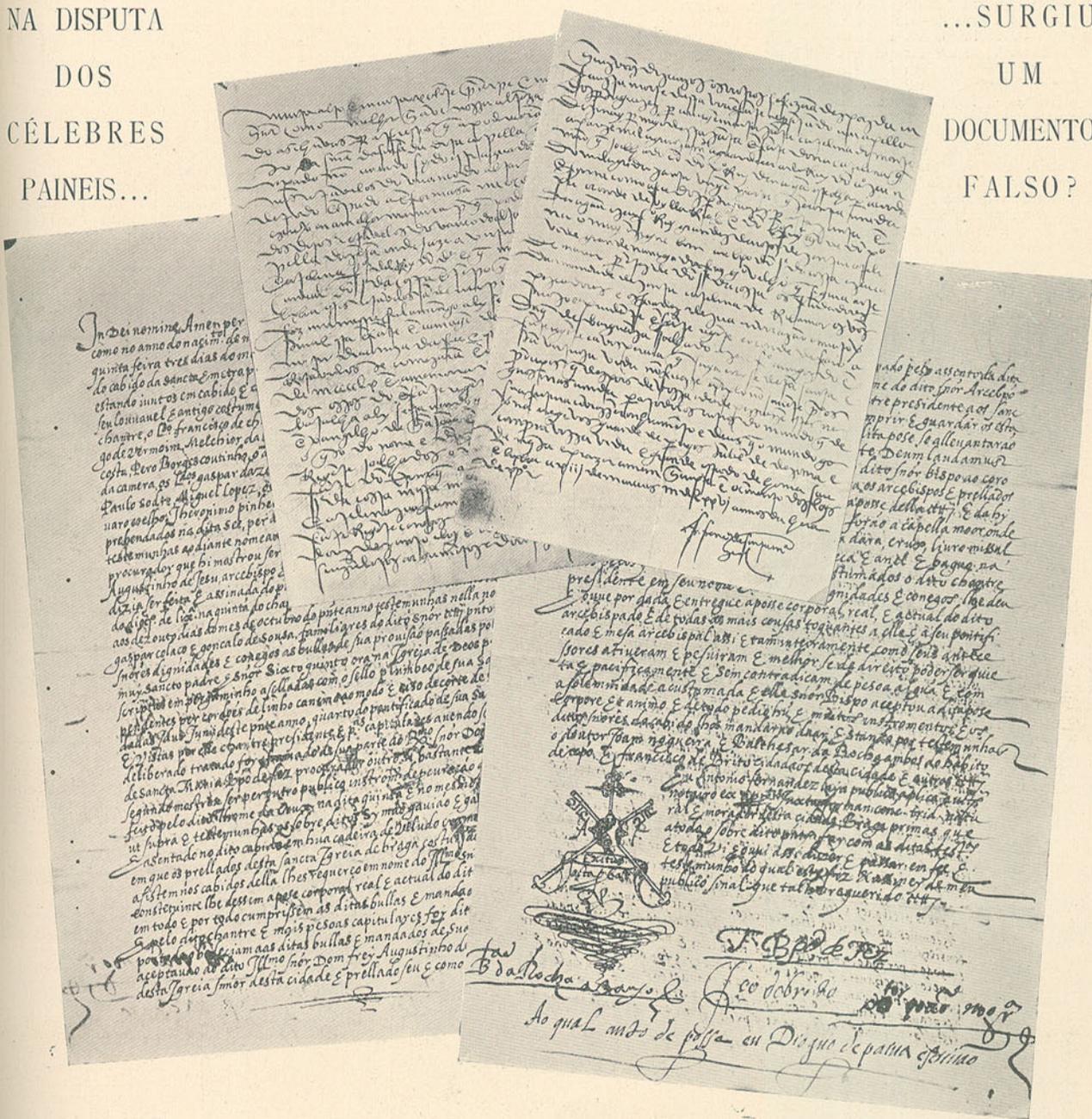


A inauguração do ano lectivo na Universidade do Porto. — A cerimónia de abertura das aulas

UMA MISTIFICAÇÃO?

NA DISPUTA
DOS
CÉLEBRES
PAINÉIS...

...SURTIU
UM
DOCUMENTO
FALSO?



Os famosos Painéis do Museu das Janelas Verdes, encontrados há perto de meio século numa arrecadação do Patriarcado de S. Vicente de Fóra, teem uma história complexa e encerram mistérios ainda por desvendarem.

Em 1910, o sr. dr. José de Figueiredo, publicou um livro em que pretendem demonstrar que aquela obra prima representava a adoração a S. Vicente, padroeiro de Lisboa.

Esta tese, assentaria na confusão estabelecida por uma passagem de Francisco da Holanda, no seu tratado «De Pintura Antiga», em que se fala dum grande pintor português do tempo de Afonso IV, chamado Nuno Gonçalves, autor dos painéis de S. Vicente, na Sé, os quais nada te-

riam de comum com o formoso políptico das Janelas Verdes, incontestavelmente do século seguinte.

O livro do sr. dr. José Saraiva, em 1925, destruiu a tese do director do Museu e apresentou a interpretação de que os Painéis representavam a adoração ao Infante Santo, mártir de Tanger. Continuando o estudo iniciado pelo sr. dr. José Saraiva, o sr. dr. José de Bragança chegou à conclusão de que os painéis formam um só políptico e não dois tripticos, e que as figuras dos primeiros planos são os Infantes da Inclita Geração e os filhos de D. Pedro de Alfarrobeira.

Surge então a falange dos que vêem na fi-

gura central a imagem de Santa Catarina, que em menos de 2 meses descobre dois documentos, um dos quais devia resolver tudo. O sr. dr. José de Bragança rebateu a importância do primeiro desses documentos e declarou falso o segundo, numa série de artigos que provocou a intervenção oficial.

As nossas gravuras representam: Em cima, as duas faces do documento denunciado como falso; em baixo, um documento autêntico, do Arquivo distrital de Braga, em que se vê a autêntica assinatura de Dom Francisco de Santa Maria, bispo de Fez, — o suposto signatário da carta a que um homem de espírito chamou «verdadeiramente falsa».

DOM MIGUEL DE BRAGANÇA

Falar do Legitimismo — a abnegada e ferrenha teoria política que defendeu os direitos de D. Miguel I e seus descendentes ao trono português! — é encher-se-nos a alma duma indizível melancolia, duma inexplicável saudades!... Que interminável cortejo de sombras, Deus do céu! que infundável procissão de mortos!... O Legitimismo é, hoje, a alameda sombria dum enorme camposanto! É lá que encontraremos os grandes nomes desse desinteressado e nobilíssimo partido que os adversários alcunham de sebastianista mas ao qual sempre dedicaram respeito... Tudo desapareceu, arrastado pela asa fria da morte, até mesmo o próprio Legitimismo que já não é hoje precisamente o que era aqui há vinte anos: a mocidade que, após o advento do regime republicano, entendeu dever combater este, deu ao velho ideal bases novas, novas razões de ser, e até nome novo... O Legitimismo desse grande polemista injustamente esquecido que se chamou D. Jorge Eugénio de Locio e Seiblit; dos poetas delicadíssimos que foram João de Lemos e Pereira da Cunha; dos partidários cheios de abnegação e carinho, como esse grande caracter que foi o dr. Ferreira Cardoso, esse Legitimismo pertence já à história das idéas políticas: é uma grande Sombra que, meia duzia de outras sombras veneráveis, persiste em olhar, com o espírito perturbado pela saudade!... Os partidários do antigo regime continuam, como sempre, divididos por uma barreira intransponível, que nos não cumpre criticar aqui... Mas, a batalha a que se dedicam perdeu num dos campos as determinantes antigas: se, de um lado, se defendem ainda os princípios vencedores em 1834, do outro já se não argumenta com a simples questão da legitimidade: vai-se muito mais longe e, a turba aguerriada e buliçosa que cerca o novo pretendente, não o defende porque ele seja a verdadeiro detentor dos direitos a uma coroa, mas tão somente porque vê nele simbolizadas tendências políticas diametralmente opostas ao ideário liberal... O resto pertence ao passado, ao grande cortejo de nobilíssimas figuras, à triste e altiva Procissão dos Mortos...

É esse passado que, no momento actual, nos interessa evocar, com o seu ar amarelado de folha morta e o seu perfume inconfundível, cheio de imensa e saudosíssima melancolia...

...Com a morte do Senhor Dom Miguel de Bragança — que os últimos Abencerregens do legitimismo persistiam em chamar Dom Miguel II — chega-se ao termo da alameda de um grande camposanto!... Penetrar

nela é vêr surgir a nossos olhos uma interminável teoria de grandes fidalgos e grandes caracteres, rodeando uma figura de lenda — o vulto popularíssimo e português de um rei exilado que viu escachoarem em redôr de si formidáveis ódios e cercarem-no espantosas dedicações...

* * *

Já D. Maria II — aquela soberana portuguesa que os legitimistas — teimosa mas respeitosa — chamavam «a Senhora Dona Maria da Glória, Princesa do Grão Pará» — já ela, impressionada pela extrema correção dos adversários da sua realeza, declarava fácil conhecer os legitimistas: «Os partidários de meu tio são todos aqueles que me tiram o chapéu quando me veem!...» Com efeito, entre nós, gente meridional, afeita às grandes truculências da frase e do gesto, nunca houvera quem com tamanha gentileza e apuro soubesse discutir e guerrear. Na história do Legitimismo, aquele Padre José Agostinho de Macêdo, tão vernáculo e malcriado, ou aquele façanhudo abade de Rebordosa, Alvíto Bucla Pereira de Miranda que, nos tempos do Senhor Dom Miguel, pedia clamorosamente a cabeça dos liberais e, depois, em 34, se passava ruidosamente para os seus adversários, esses polemistas constituíram excepções

desaprovadas pelo Legitimismo, que só aproveitou do primeiro o aprimorado amor da pátria linguagem... Podemos-lo dizer afoitamente — é a história dos últimos cem anos que no-lo conta com exuberância! — os reis do período liberal só foram insultados — e com que ferina crueldade e rematada injustiça! — pelos seus próprios partidários!... Mas a luzida coorte de nobres e plebeus que ao serviço do Rei Exilado punha vida, esforço e haveres, essa gente de primeira escolha calçava sempre luva branca se discutia com um adversário e Deus sabe com que apuro, convicção inabalável e respeitosa delicadeza o faziam! As tradições dessa pleiade — que se pode considerar quasi desaparecida! — eram uma fidalguia de processos, uma firmeza de idéas e uma abnegação extrema em favor de uma causa da qual nada podiam esperar... Maior, portanto, a beleza do seu gesto e da sua vida! E os adversários, embora sorrindo daquilo a que chamavam ao último sebastianismo, nunca deixaram de prestar justiça à abnegação, à cortezia e lianeza do partido do Exilado... Ainda há hoje quem se lembre — e com quanta saudade, meu Deus! — do que foram Fernando Pedroso — aquele dedicado jornalista do Legitimismo que a verde irreverência de Ramalho alcunhára de o «sr. Fernando Todo Poderoso!» — do poeta João de Lemos, um dos primeiros que tivemos

no período tumultuoso do Romantismo; dos dois Pereira da Cunha, senhores do solar de Portuzelos em terras do Minho e um dos quais, Sebastião Pereira da Cunha, foi o escritor ilustre de *A Cidade Vermelha* e *O Saio de Malha*; de Dom Jorge Eugénio de Locio e Seiblit, o temível mas correctíssimo e impecável polemista que, nas colunas de *A Nação*, deixou ficar vencidos três inimigos da Legitimidade: — Martens Ferrão, Tomás Ribeiro e Mendes Leal! — dos condes de Almada e Arvanches, D. Miguel e D. Antão, tão nobres, tão dedicados e tão generosos! dos condes do Sampaio, de São Martinho, da Redinha — cuja lar era um modelo de virtudes cristãs e de caridade, não havendo pobreza (fosse ela branca, vermelha ou azul e branca!) que os dois esposos não socorressem! — de Lucas Castelo; de D. Sancho Manuel de Vilhena, um gentillomem e um erudito que mereceu, a adversários e o o Alexandre Herculano, os maiores elogios pelo seu valor moral e pela sua sciência; e tantos outros, que à causa do Exilado devotaram uma existência inteira, sem um instante de tergiversação, sem um desfalecimento de convic-



D. MIGUEL I e sua esposa, D. SOFIA ADELAIDE, por ocasião do seu casamento

(Da colecção do autor)



D. MIGUEL DE BRAGANÇA

(Fotografia gentilmente cedida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Fernando Ferreira Cardoso)

ções!... Ser-se legitimista era, por esses tempos idos, a melhor garantia de pureza de costumes e de portuguesismo: os legitimistas eram os católicos fervorosos, os adeptos do poder temporal dos Papas — e quantos estiveram em Roma ao lado do Senhor D. Miguel II, como zuavos pontifícios na luta contra as revolucionárias camisolas vermelhas dos garibaldinos! — eram os apóstolos da santidade do lar e das grandes tradições lusitanas...

O Legitimismo — todos o reconheceram, desde Teixeira de Vasconcelos até aos republicanos de hoje! — foi o mais abnegado e mais nobre de quantos partidos surgiram nesta soa-lheira e florida terra de partidos e partidários...

* *

Morto porém D. Miguel I em Carlsruhe, perto da sua adoptiva Bronnbach, aos sessenta e quatro anos de idade, e trinta e dois de exílio, em consequência de uma inesperada paralisia pulmonar, o país inteiro vibrou de intensa comoção; o luto estendeu-se por toda a terra lusitana, desde as casas senhoriais dos fidalgos de velha estirpe que acaudilhavam o régio exilado, até à gente humilde do povo, grande parte da qual o amara entranhadamente e lhe permanecera fiel, lembrada de quando o seu vulto formosíssimo, varonil e português, cavalgara pelas ruas da Lisboa de então e se chegava de preferência ao povo, com o qual gostava de privar, sem perder uma linha do seu apuro e elegância reais... Nunca houve em terras de Portugal um sér que tão sufragado fosse: certo legitimista meu amigo, ferrenho e dedicado à sua causa, — o pobre Costa Afonso que a morte sumiu para sempre, haverá uns quatro anos! — contava-me que as exéquias solênes, celebradas na paróquia da Graça — esta freguesia, com a de S. Vicente e a dos Anjos,

eram o poiso favorito e costumeiro da gente do sr. Dom Miguel! — haviam surpreendido toda Lisboa pela pompa extraordinária, pela concorrência espantosa que enchia a velha igreja dos frades graciosos e se estendia como uma formidável multidão lutuosa pelas circunvisinhanças... De norte a sul, o luto e a saudade exteriorisavam-se em centenas e centenas de sufrágios, em artigos sobre artigos exaltando as virtudes de um moço que, aos trinta e dois anos, Évora-Monte enviava para o exílio de onde nunca mais havia de regressar... A imprensa, — mesmo aquela que mais adversa fôra das idéas legitimistas — curvava-se cheia de respeito perante a morte de D. Miguel I, e o liberalíssimo Pinheiro Chagas, num artigo que ficou célebre pelo sentimento e pela isenção, celebrava a constância e a resignada nobreza com que o vencido de 34 sofrera o seu grande infortúnio, — tão lacerado de privações, de miséria e de saudades! — sem nunca se arredar, nem um apice, das idéas que defendera de armas na mão, e as quais acreditava como únicas verdadeiras e santas...

Desde esse momento — 14 de Novembro de 1864, há quasi sessenta e três anos Senhor! — as atenções voltaram-se para o filho do Exilado, como este e sua família, ferido também pela proscricção... Era um rapazito de treze anos, calmo e triste, conscio já do enorme encargo que sobre elle ficara pesando; um moço que nascera sobre terra de Portugal, de cá levada propositadamente pelos fiéis partidários do seu pai, e para cujo baptismo de cá fôra também a água lustral, ida da matriz de Guimarães aonde Afonso Henriques fôra baptisado! Dominava-o a sede do portuguesismo, o amor acendrado pelas sciências nas quais veio a doutorar-se na Universidade de Innsbruck. Seu preceptor, aquê venerando modelo de honradez e dedicação que foi o dr. António Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu — e o qual a intervenção de Costa Cabral livrara de ficar para sempre riscado da nossa Universidade! — incutira-lhe idéas de nobreza e patriotismo que, possivelmente, neste desabar tristíssimo da vida portuguesa, não serão talvez comprehendidas!... Assim se formou o caracter do novo pretendente para o qual os legitimistas passaram toda a adoração que tinham pelo pai. E, valhia a verdade; aquele a quem de ali em diante, os seus partidários começavam chamando o sr. Dom Miguel II, não desmentia as qualidades que o seu régio progenitor e sua santa mãe lhe haviam transmitido. A vida inteira do morto de agora foi um modelo de coerência, de honradez e de virtudes cristãs...

* *

Com dezassete anos apenas, apresentava-se a Pio IX, vestido de zuavo pontifício, pronto a verter o seu sangue em defeza da causa temporal dos Papas, ameaçada e depois vencida, na brecha da Porta Pia, quando por esta entraram de roldão as camisas vermelhas de Garibaldi... Então, a sua vida reparte-se entre a sua carreira de militar e os cuidados extremos da sua família, o amor da sua causa sem esperança e os extremos pela pátria de que o baniam as leis. A sua vida, exemplaríssima, conhecem-a Deus — a quem há dias prestou

contas — e todos quantos seguiam com enlevo as manifestações do seu aprimorado caracter. Não há nela uma só mancha; é a vida de um homem de bem, cultíssimo e portuguesíssimo. Ódios não os tinha, a lama jámais o salpicou. Possivelmente teria, a ferirem-lhe os ouvidos sempre, as palavras, ensofadas de lágrimas, que sua mãe — a santa princesa que depois se recolheu a um convento da Ilha de Wight — lhe disse ao receber em 1864 a deputação legitimista que de aqui fôra prestar as últimas homenagens a D. Miguel I:

— «Meu querido Filho, lembra-te de que a vida passa como o fumo... Tu Pai estava bom num dia e, no seguinte desapareceu. A vida é um sonho e tu também hás de desaparecer!... Mas, quando a Morte se aproximar, só te há de lembrar se cumpriste ou não os teus deveres!... E lembra-te sempre de que tua Mãe, como se estivesse deante de Deus, e na presença destes portugueses, te diz que prefere ver-te viver e morrer pobre a deslisesares uma só linha da estrada que seguiu teu heroico Pai — que o seu único pensamento era Portugal!...»

E pode dizer-se que os conselhos de sua formosíssima e desventurada mãe, aquela suave Princesa de Loewenstein-Wertheim von Rosenberg, Dona Sofia Adelaide Amélia, foram integralmente seguidos. A desgraça — que a elle o feriu cruelmente, como a seu pai — encontrou-o sempre firme, as lágrimas nos olhos, Deus nos lábios e no coração. Era um português antigo, um representante legítimo de reis e de um regime banido, que não sabia ter ódio por ninguém, fôsse elle liberal ou republicano... Nunca ninguém teve motivo para se queixar d'elle: o seu coração abria-se a todos os portugueses... Coronel do exército austriaco, quando Portugal se pôz ao lado dos inimigos da Alemanha, o Senhor Dom Miguel de Bragança, embora a Austria não estivesse em guerra commoço, passou da arma de cavalaria de que fazia parte para a milícia dos que, nos campos da pugna gigantesca, sob um inferno de metralha feroz, arriscam a vida para salvar o seu semelhante, amigo ou inimigo: — a Cruz Vermelha... Era assim o seu caracter diamantino, era assim que elle entendia a qualidade de que tanto se orgulhava: — ser português. Longe do herdeiro do seu nome, que o amor levava a romper com os preconceitos de raça; afastado para sempre do filho segundo, o príncipe Dom Francisco José — morto como um herói durante a Grande Guerra e antes da nossa participação nela, — o filho do Exilado continuou, como sempre, fiel aos seus mortos e aos seus três grandes amôres: — Deus, a sua pátria e a sua família. Nem a miséria que o salteou nos últimos anos da vida, nem as privações d'ela resultantes e o cortejo de angustias que se lhe seguiu, abateram o seu caracter de diamante sem jaça: permanecem como sua mãe lhe indicára, há sessenta e três anos quasi, perante o cadaver do pai...

...E possivelmente, na hora extrema, ao escutar e repetir as orações dos agonizantes, rodeado pela nobilíssima coorte de Sombras dos que a morte ceifára entre os seus fiéis e dedicados amigos, possivelmente ainda, nessa hora tremenda e saudosa ele se lembrou da terra dos seus maiores e mistrou aos soluços do *Memorare* e do *Sub tuum Presidium* o nome querido de Portugal, o nome que magicamente nos põe a todos de acordo, olhos marejados de lágrimas, coração batendo de amor puríssimo, de mil vezes sagrado amor!...

...Fechou-se a grande alamêda do camposanto imenso que é o Legitimismo!... Desce para o túmulo a última Sombra... Que a morte nos reconcilie a todos e nos não impeça de reconhecer o quilate finíssimo das virtudes do Proscripto!... Morreu um grande homem de bem, um português que sempre o soube ser... Paira no ar o tom amarelado das folhas mortas, o perfume inconfundível de uma saudosa e imensa melancolia... É o Passado que se fecha... O que nos trará o futuro?...

...Inclinemo-nos todos, adversários e amigos do filho do vencido de Évora-Monte!... E, levados pelo gesto arripiante da Morte, beijemos a mão do português cujo exílio de setenta e quatro anos ela, a Eterna Vencedora, por mandado de Deus finalmente quebrou...

ALVARO MAIA.

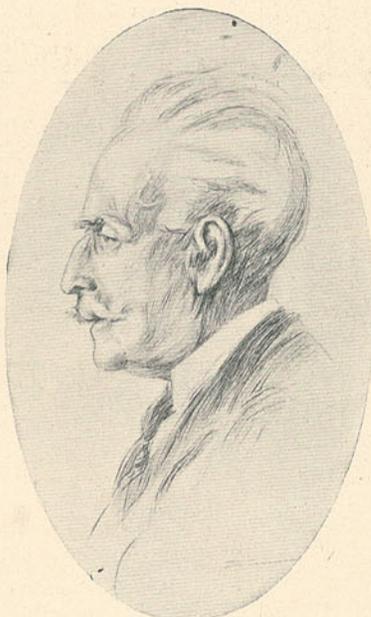
FIGURAS DO MOMENTO



(Foto Menrissé)

SIR AUSTEN CHAMBERLAIN

O diplomata e homem de Estado britânico é uma figura de singular relevo no mundo político. Presentemente gosando férias, a sua personalidade ainda mais se vinca pois que, negligentemente, à margem do protocolo, tem oferecido e recebido banquetes íntimos em que os convivas, pessoas gradas de tôdas as nações, devem ter falado longa e proveitosamente para... a Inglaterra.



(Desenho de Saavedra Machado)

DR. MAGALHÃES LIMA

UMA das figuras mais veneradas das lutas democráticas de todo o mundo. Jornalista, orador, panfletário, o dr. Magalhães Lima tem marcado, coerentemente, uma forte individualidade no nosso meio mental. O seu último discurso, ante o monumento a Teófilo Braga, mostra-o na pujança das suas qualidades de orador e em breve sairá um seu livro novo, segundo volume das suas «Memórias».



(Foto Ilustração)

GENERAL PRIMO DE RIVERA

O chefe do governo espanhol foi posto em foco pela sua recente entrevista pseudo-particular com Austen Chamberlain, a bordo do hiate do ministro inglês. O que se passou nessa conversa é um verdadeiro mistério, mas há quem ligue este facto com as relações internacionais da Espanha no Riff, onde a pacificação parece ser um facto para honra do tenente-general Marquês de Estella.



(Foto H. Manuel)

COSTES

UM dos triunfadores do «raid» Paris-Buenos Ayres, tripulando o avião terrestre «Nungesser-Coli».



(Foto H. Manuel)

LE BRIX

O outro tripulante do «Nungesser-Coli» que atravessou o Atlântico Sul sem escala, do Senegal à costa brasileira.



(Foto Menrissac)

CLEMENTE ADER

FAZ agora trinta anos que, pela primeira vez em França, uma máquina voadora se ergueu acima do solo. Tripulava-o Clement Ader.



(Auto caricatura)

MARCEL ABOUBOUT

PITORESCO caricaturista de Montmartre, de passagem em Lisboa e que efectua uma brilhante exposição dos seus notabilíssimos trabalhos de caricatura pessoal, incomparável pela fragrância do traço e intenção humorística.



(Foto H. Manuel)

MONSENHOR BAUDRILLART

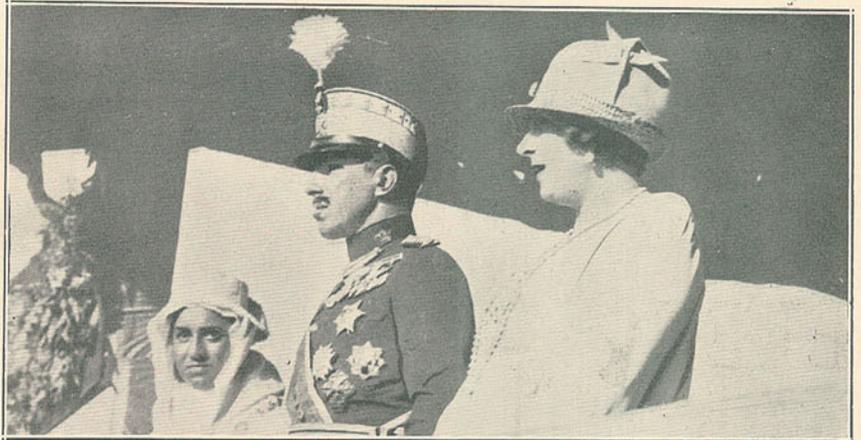
O prelado francês que acaba de se demitir de presidente do Instituto de França e será em breve levado à dignidade cardinalícia.

POR ÊSSE MUNDO

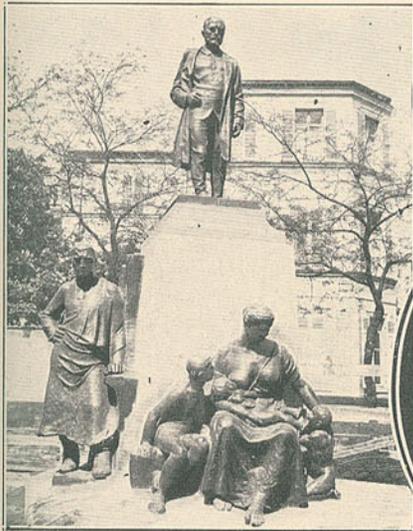
A viagem de Afonso XIII e de sua augusta esposa ao protectorado espanhol de Marrocos, parece indicar que a guerra do Riff acabou completamente. É um novo triunfo para os monarcas do país visinho.

Costes e Le Brix, em avião terrestre, partindo de S. Luís do Senegal, alcançaram a costa brasileira num só vôo.

Zola vai ter em Paris um monumento que celebre a sua glória de romancista e os estudantes japoneses vão ter na Cidade Universitaria de Paris a sua «Casa do Japão»... Ainda na capital francesa surgiu uma nova excentricidade; um homem que dará a volta ao mundo numa rôda só. Eis o que, de todo o mundo nos dizem as fotos de H. Manuel.



Os reis de Espanha, Suas Magestades D. Afonso XIII e D. Vitória Eugénia, durante a sua visita a Marrocos (Zona Espanhola)



EM CIMA: O monumento a Emilio Zola, recentemente inaugurado em Paris na nova avenida consagrada ao romancista

EM BAIXO, à esquerda: O príncipe Ri, irmão do Mikado, coloca a primeira pedra da «Casa do Japão» em Paris
À direita: O suíço Kalman que tenta a volta ao mundo sobre uma roda de bicicleta



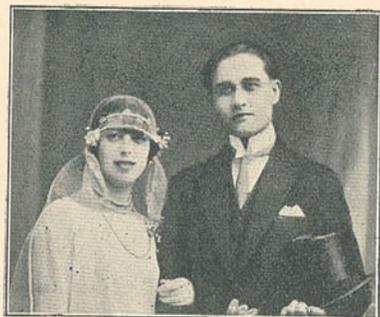
Os franceses Coste e Le Brix que acabam de atravessar o Atlântico Sul, antes da partida de Le Bourget



ECOS DA SOCIEDADE ELEGANTE



Realizou-se a festa de primeira comunhão dos filhinhos do Sr. Dr. José D'Arruela. A linda capela do solar do ilustre advogado recebeu Mgr. Forni secretário da Nunciatura e algumas pessoas de mais alta aristocracia portuguesa e da ilustre família em festa



Na paroquial igreja de S. Paulo realizou-se o consórcio do Ex.^{mo} Sr. José Marques Barata com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Alice Pousada. Os noivos após a cerimónia que foi apadrinhada por nomes conhecidos no meio comercial



Em casa do Sr. Conde de Alto Mearim e nos seus belos jardins de Mattosinhos, realizou-se uma interessante desfolhada concorrida pela mais alta sociedade portuense



Na igreja do Loreto realizou-se a cerimónia religiosa do casamento do brilhante clínico Dr. Mirian Saul Natoli com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana Judice Pimenta enteada do sábio professor Dr. Giovanni Constanzo, — à esquerda : os noivos após a cerimónia

FALANDO COM ÁGUIA GUERREIRA CAÇADOR DE BISÕES NO ARIZONA

(Especial para a Ilustração)

«Águia Guerreira», índio, Pele-vermelha, caçador de bisões, é neste momento o ídolo de Paris. Todos os parisienses o têm visto e todos os parisienses professam por ele uma profunda admiração (no sinónimo de espanto visível). Paris precisa de, na sua imensa imensidade, ter sempre uma nota excêntrica a excitar-lhe o aspecto já monótono de grandeza, de brouha uniforme. Paris tem agora o Pele-Vermelha «Águia Guerreira», para se divertir e para pasmar.

É hoje uma insigne honra para um parisiense apertar a mão ao ilustre hóspede de uma semana, orgulho de Paris... da semana

que corre. Amanhã, «Águia Guerreira», será esquecido por qualquer tonkinês xadrezista ou bailarina de sete cabeças, mas hoje, já aborrece ouvir-se o estribilho usual:—Você já viu o Pele-Vermelha? com a mesma naturalidade com que se diria em dia de calma:—Você vê o calorsinho que está, hein?...

Era, portanto, talvez difícil entrevistar o simpático sioux para a *Ilustração* e para lhe obter algumas palavras era necessária uma diplomacia formidável e talvez, no final, todos os esforços resultassem inteiramente inúteis... Mas «Águia Guerreira» é, afinal, um belo camarada dos jornalistas, e, assim, pudemos viver um sonho retrospectivo tão empolgante como os que povoavam as nossas vigílias nos tempos em que líamos as aventuras de «Olho de Lince».

«Águia Guerreira» chama-se também, perante o registo civil de cidadão americano, o senhor Malies. Que tristeza pensar que o pai do valente caçador de bisões se chamava «Garras de Falcão», e a mãe, «Luar da lua cheia»!

Mas o americano é impiedosamente legalista e crismou o nosso amigo com um nome tão prosaico, como poderia ser entre nós, Fernandes, Sousa ou Soares.

*
*
*

«Águia Guerreira» estende a manópola enorme e começa a nossa afluência para o cumprimentarmos em... índio. O sioux começa a rir e fala-nos num francês... americanado!... É um latagão magnífico. Mede mais de 1 metro e 80. Usa o seu traje tradicional com a mesma desenvoltura que teria no Far West a caçar bisões.

Porque, antes de vir ao mundo civilizado, «Águia Guerreira» caçava bisões. Traz mesmo ao pescoço um grande colar feito de dentes de bisão que foram por ele mortos a punhal, por um processo que nos explica em detalhe, com grande soma de gestos e gritos inquietadores. Pergunto-lhe quantos homens da sua raça vivem ainda no Arizona e diz-me que uns 100:000 da sua tribo, além dos «creek» ou «Pés negros» e outros, selváticos e muito perigosos: os Yackackekt e os Porto-Patche.

—Gosta dos americanos?...

—Gosto mais dos cães!...—diz sombriamente o sioux, com o desprezo a escorrelhe dos lábios fortes.

A conversa, nos seus acasos, leva-nos a falar de família.

—Sou casado com uma canadiana—explica «Águia Guerreira»,—e tenho uma filha de 12 anos, que está em casa da avó, «Luar da lua cheia». Minha mulher veio comigo à Europa. Eu faço exhibições



públicas e vivemos bem. Paris encanta-me, mas o porteiro do hotel, quando eu cheguei de madrugada, começou a gritar, de joelhos, que não lhe fizesse mal. Agora já é meu amigo!...

E o chefe índio sorri alegremente, infantilmente.

Começo a procurar um assunto palpitante e lembro-me do Texas Jack da minha infância, dos sacrifícios a Manitú ali descritos e vou falar de religião, da religião deles... Mas por uma espécie de telepatia, o Pele-Vermelha adianta-se ao meu desejo e diz:

—Não volto à América senão mais tarde, para festejar com a família um grande dia... um dia sagrado para mim... O do nascimento do Menino Jesus.

Cáio das nuvens!... Então o selvagem fetichista...

—Veneramos muito este dia, como data alegre, assim como, no dia da ressurreição de N. S. Jesus Cristo estamos todo o dia de joelhos, sem tomar alimento... Já meu pai era fervente católico e meu avô também... Só o meu trisavô é que ainda adorava o sol, a lua, as estrelas... Nós não... o que não temos é igrejas. Realizamos as orações ao ar livre, sob as vistas do Senhor!... É melhor...

Estou perplexo e depois dum grande silêncio pergunto-lhe das suas viagens:

—Já dei umas três grandes voltas pela Europa. Conheço a Espanha, a Itália, a Tchecoslováquia, a Suíça, a Alemanha, a Bélgica, Bulgária, Suécia e Noruega. Agora estou em França. Gosto de Paris... e as parisienses são bem bonitas. De resto todos têm sido amigos para mim...

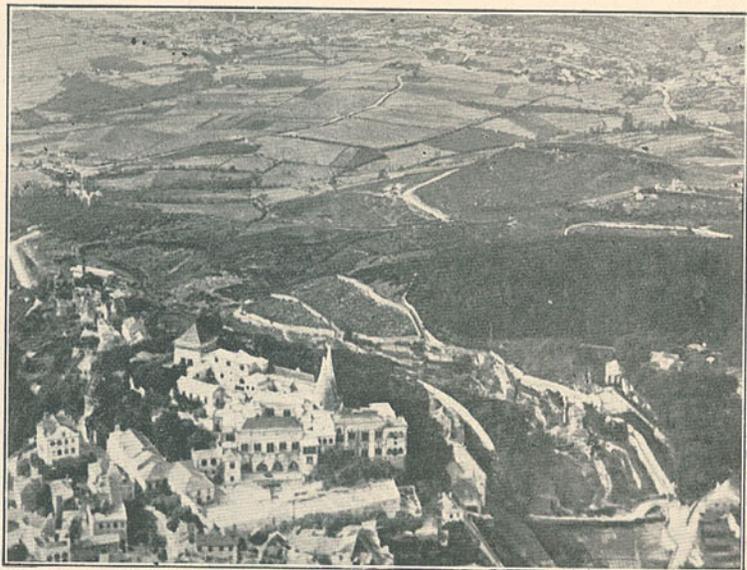
Acabara a entrevista. Têra-o nos olhos de «Águia Guerreira», quando ele falara das parisienses. Era a hora da saída das empregadas dos armazens.

Oh cinzas de Manitú, oh manes dos grandes chefes Mohicanos!

Paris, Outubro de 1927.

A. A.





SINTRA — Vista panorâmica tomada do Castelo da Pena

CASCAIS COSTA DO SOL

Marinha — uma maravilha quasi desconhecida — com as maiores possibilidades. Dêem-nos boas estradas e bons hotéis, como exigem os estrangeiros; tudo o resto virá como consequência. Portugal será visitado, haja ou não haja jôgo!... Competiremos, venceremos os melhores centros de turismo de todo o mundo.

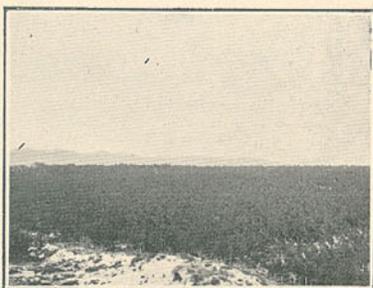
Costa do Sol!... É a mais feliz, a mais justa designação com que as tubas da fama glorificam hoje a Zona Marítima de Lisboa, zona que é também «Costa Azul», — mais e melhor que nenhuma outra — azul no mar e azul no límpido céu.

«Côte de Soleil» é o som vibrante de clarim com que a nossa Riviera se imporá ao mundo turístico, impondo a justa superioridade do nosso clima de excepção e o brilho inegalável do sol nascente do Estoril e do poente melancólico e magnificante na Praia Grande do Guincho.

No nosso último número tivemos ocasião de reproduzir belas fotografias das «Corridas de Cavalos na Marinha», belas realizações desportivas e mundanas, que todos os anos dão justo brado. Hoje publicamos nas nossas páginas várias fotos, qual delas a mais formosa, que documentam o gôsto na construção e a paisagem local da Marinha, um dos pontos mais belos da região, pitorescos e belezas das costas e praias desta incomparável zona de grande turismo.

Quando vermos nós, por fim, a «Costa do Sol» elevada ao grau que lhe compete de centro de turismo de primeira grandeza na Europa, refúgio da elegância e da opulência

de belo e de magnificante como materiais primários para a grande obra. Ajudem-na agora os homens; abram grandes vias de



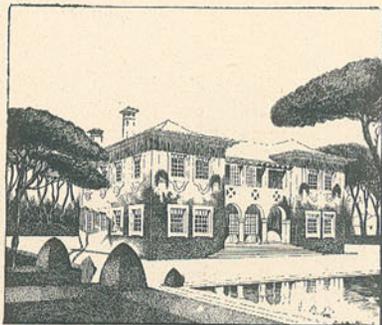
MARINHA — Vista de «Oitavos». O massiço florestal com a Serra de Sintra ao fundo

comunicação com Lisboa; vistam as praias e a Costa com passeios e explanadas; aproveitem os parques e as praias deliciosas da

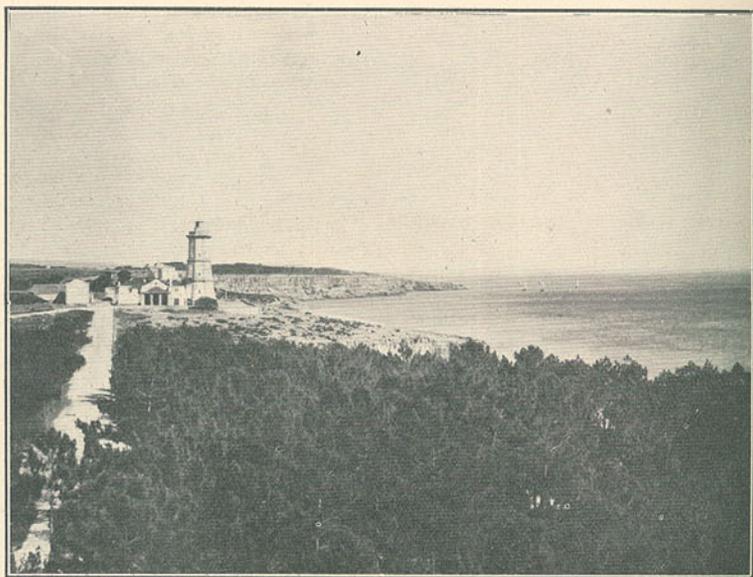


MARINHA — Pitoresco trecho de uma avenida

Em todo o mundo, nas altas camadas da sociedade, tendo alcançado culminancias pelo prestígio (ainda hoje formidável) do nome heráldico herdado, ou escalando a notoriedade pelo seu esforço no campo comercial e mental, existe o que se chama a *élite*, o escôl marcante, pessoas que alcançaram o privilégio de fazer uma vida tóda prazer e goso próprios. São por vezes figuras méramente decorativas, outras vezes autenticos



MARINHA — Um projecto de moradia dos architectos Macedo & Palmeiro



MARINHA — Uma vista sôbre o farol da Guia e sôbre a Costa

cosmopolitas nos invernos cáusticos das grandes cidades do Norte?

A Natureza foi pródiga. Tudo ela oferece

MARINHA COSTA DOS ESTORIS

valôres mentais ou morais. Todos, porém, até por um dever, se nêles não houvesse o prazer nato do luxo, rendem preito à deusa Elegância. E uma das fórmãs mais formosas da elegância é exactamente o turismo, a viligiatura, o «viajar»... o nosso antigo «correr mundo».

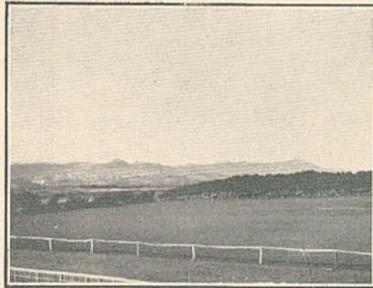
Quem tem grandes capitais para viajar,



MARINHA — Um trecho típico da paisagem

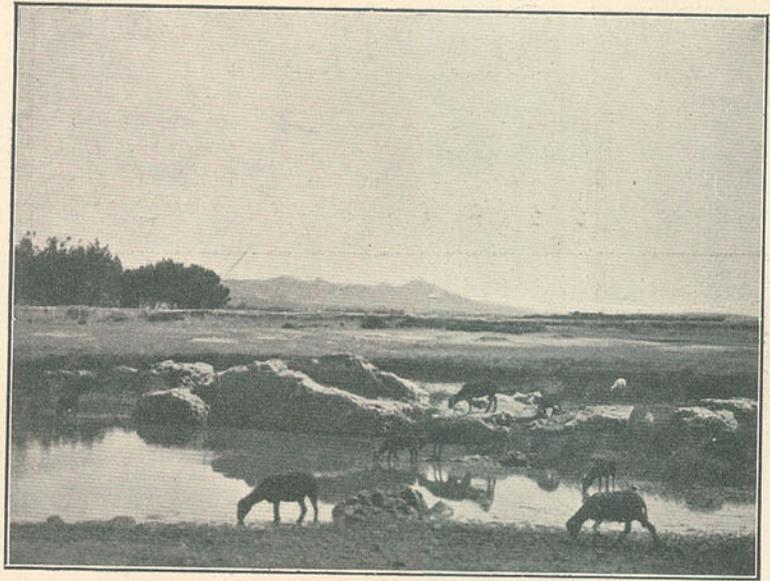
embora seja uma pessoa de excepcional cultura artística, não aturaria a propria Florença dos Médicis se ela lhe oferecesse uma hospedagem sem conforto e uma deficiente urbanização de manciaras e de acolhimento. Um turista, daquêles milhares de turistas, especialmente saxônios, que as empresas de navegação e os combóios todos os anos, pelo inverno, despejam nas regiões meridionais mais belas da Europa, seduz-se tanto com

a aparência luxuosa da Riviéra francesa como com a sua paisagem cheia de encanto. A vida dos «Pálaces», dos «Casinos», dos



MARINHA — A serra de Sintra vista do Campo de Corridas

grandes passeios civilizadamente tratados, agrada-lhes, é-lhes necessária, essencialmente necessária.



MARINHA — Campo de corridas vendo-se ao longe a serra de Sintra

Ninguém pense que um argentário de qualquer país do mundo ou mesmo um apaixonado da beleza das coisas e das paisagens, possa hoje passeiar de burro numa estância de viligiatura, em pantufas e sem colarinho, embora embalado pela canção milenária do mar bravo ou pelo murmurar dos poéticos cédros em parques de lenda.

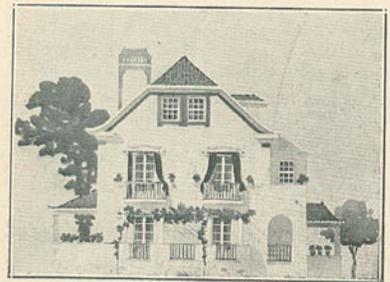
Não, não, mil vezes não!

O turista quer o conforto que lhe dá o clima, mas quer também o conforto do grande hotel, das estradas maravilhosas, dos bons serviços ferroviários, da urbanidade civilisada dos costumes. É disto tudo que teremos de tratar, que devemos inadialmente tratar. Com as mais extraordinárias condições poderemos reter, entre nós, invernos inteiros, os turistas de todo o mundo que, presentemente, se demoram apenas de manhã para a tarde, e fazem uma rápida visita à «Côte du Soleil», de onde regressam com os olhos maravilhados mas com os rins destruídos.

Consigamos, porém, num dia próximo, dar-lhes conforto e elegância, consigamos oferecer-lhe uma estância de repouso nitidamente «de hoje», em que se não faça vida de aldeia, mas sim haja uns leves ressaibos inteligentes da vida das grandes urbes, e



Um curioso aspecto da Praia do Guincho



Uma linda casa na Marinha. (Arquitecto Raul Lino)

então teremos contribuído largamente, decisivamente, para a fama e prosperidades do nosso país.

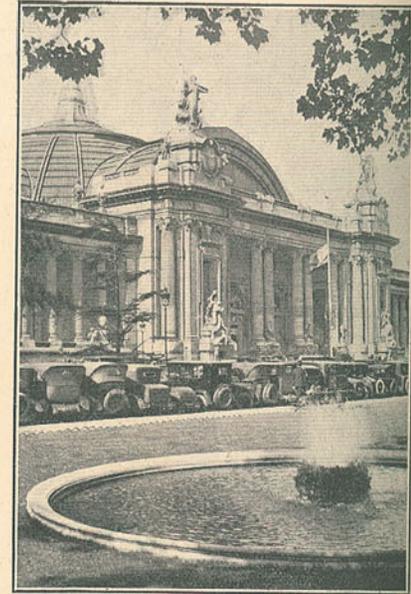
O SALÃO DO AUTOMÓVEL



O Grand Palais, onde se efectua a Exposição Anual conhecida por «Salão do Automóvel» — (Foto H. Manuel)

TODOS os anos o mundo desportivo ocorre a Paris, ao «Grand Palais», onde o sorridente senhor Gaston Doumergue, presidente da República Francesa, inaugura a enorme e colossal exposição de automóveis, o «Salon» universal. A êste certame grandioso concorrem tôdas as

grandes marcas europeias e americanas, numa enorme ânsia de supremacia, apresentando os seus melhores e mais belos modelos. Ainda que, êste ano, o «Salão do Automóvel» não seja tão sensacional como em anos anteriores, e isto porque se não pode, logicamente, ultrapassar com facilidade a perfeição em que estão as construções automobilísticas, o concurso de perfeição e estética estabelecido pelos fabricantes é extremamente interessante. Triunfo definitivo



A entrada nobre do «Salão do Automóvel» à hora da abertura da exposição — (Foto H. Manuel)

dos modelos de seis cilindros, o «Salão» dêste ano deve ser visitado por todos os automobilistas portugueses, que são muitos e bons, para que tomem conhecimento da muita perfeição que vai no fabrico nos dois mundos.

A luta comercial entre os fabricantes dos grandes tipos de luxo e os industriais que preferem o tipo de série, motor clássico simplificado, carros de perfeição mediana mas de pouco consumo e preço baixo, é também um episódio curiosíssimo da pugna travada dentro das paredes do sumptuoso «Grand Palais». Há mesmo aspectos muito particulares dêste empolgante duelo, e que são as mútuas transigências, as grandes fábricas de super-modêlos a lançar subrepticamente o seu carrinho barato à sombra do nome conquistado pelos carros grandes e os grandes fabricantes de séries, na mesma ordem de ideias, a mandar expôr modêlos sumptuosos.



Um aspecto grandioso da nave central do «Grand Palais» — O senhor Presidente da República Francesa, Gaston Doumergue, examinando a exposição — (Foto H. Manuel)



SILVA PORTO — Charneca de Belas

FÁTIMA MILAGROSA

MAIS uma vez se realizou a peregrinação a Fátima, onde se diz que, no sítio chamado a Cova da Iria, apareceram a uns pequeninos pastores a figura cheia de pureza da Virgem.

Ali, naquela charneca, se edificou humilde capelinha dedicada a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, depois que, no primeiro aniversário da milagrosa aparição, dizem ter-se confirmado o milagre numa oscilação inexplicada do sol ante muitos milhares deromeiros de todo o país e de tódas as classes sociais e mentais.

A essa capelinha, desde então e todos os anos, afluem muitas dezenas de milhares deromeiros, uns porque os seus achaques necessitam da intervenção sobrenatural para curar, outros porque a curiosidade os leva a investigar do que se passa, outros ainda, e são os mais numerosos, por uma fé ardente e um misticismo infinito tão peculiar ao extracto ráxico da nossa população rural. Este ano, mais do que nunca, a peregrinação revestiu uma imponencia impressionante. Sob uma tempestade terrível, sob cordas de chuva que transformavam em pantano o terreno menso barrocal, milhares de devotos rezavam prostrados, se arrastaram de joelhos em cumprimento de promessas, pedindo em clamor de ladaíinha a piedade e a indulgencia divinas.

À noite, sob a procela, uma procissão de cincoenta mil círios acêso, transformou o plano num espantoso mar de lume, do qual se elevavam os canticos religiosos num clamor impressionante de grandeza.

Por todos os recantos da negrura o extase se apodera dos crentes e os braços erguem-se, retesados para os altos céus, acompanhando a prece enrouquecida da garganta apertada pelo torniquete do mistério.

Rojam-se pelo solo mulherinhas humildes e senhoras de estirpe elevada, rudes filhos



da terra de mãos nodosas como velhas raízes seculares e homens da cidade. Descrentes voltam abalados por tanta fé alheia e com a dúvida a esverrumá-los. Milagres?!... Sugestão?... Dizem os jornais, dizem os médicos, que um rapazito do norte encontrou súbita cura na peregrinação, uma outra pequenita entrevada, uma ceguinha e outras, algumas outras desgraças do mundo levaram alvíos do corpo e paz nas almas torturadas pela dúvida. Milagres?... Sugestão?... Milagre que redime da dôr pelo poder sobrenatural de Aquele que tem um bálsamo para cada sofrimento; ou sugestão nervosa, psíquica, que vai em poder para lá do poder já enorme da medicina de hoje?... Ninguém o poderá discernir sem paixão.

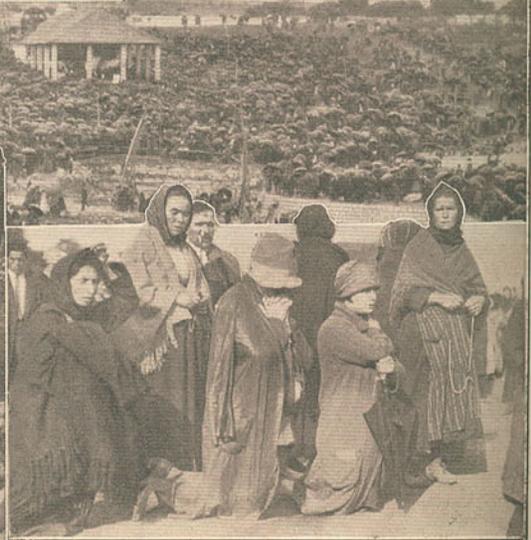
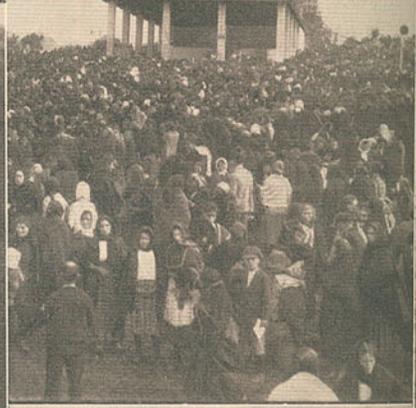
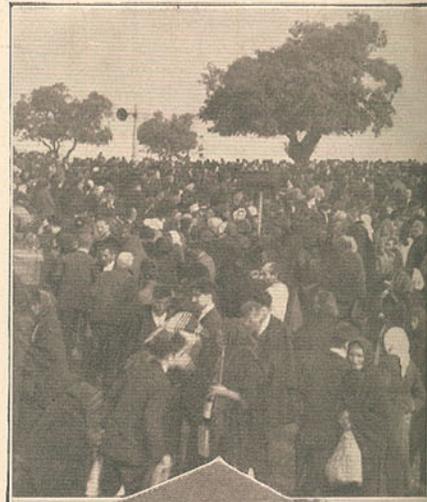
Dois camponeses em extase



A magestosa procissão das velas, à meia noite do dia 13 de Outubro. As luzes, aos milhares, formam um gigantesco rio de togo (Fotos de arte obtidas sob o temporal pelo nosso enviado especial Mário de Novais)

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

(Fotografias inéditas
de Mário de Novais)



SENHORA de Fátima!... Nossa Senhora de Fátima!... A implorar-lhe a piedade, o Valioso empenho junto de quem tudo pode, acorrem de todos os pontos do país até junto da sua humilde capelinha,romeiros aos milhares, cheios de fé, uma fé ardente igual àquela fé que, outrora, fez dos portugueses os donos do mundo. Frisos impressionantes de boa gente da aldeia esculpida em bronze, longas teorias de carros e peregrinos, de círios e procissões sob a cruenta tempestade, inundam de multidão em extase o plano bravo encharcado em lama. Humildes e poderosos, velhos e novos, são e lázaros, todos são unidos por momentos na mesma crença do sobrenatural. Vêde ao meio da página a comunhão dos velhinhos, quadro magnífico de singeleza e de fé espontânea que só se pinta em Portugal.

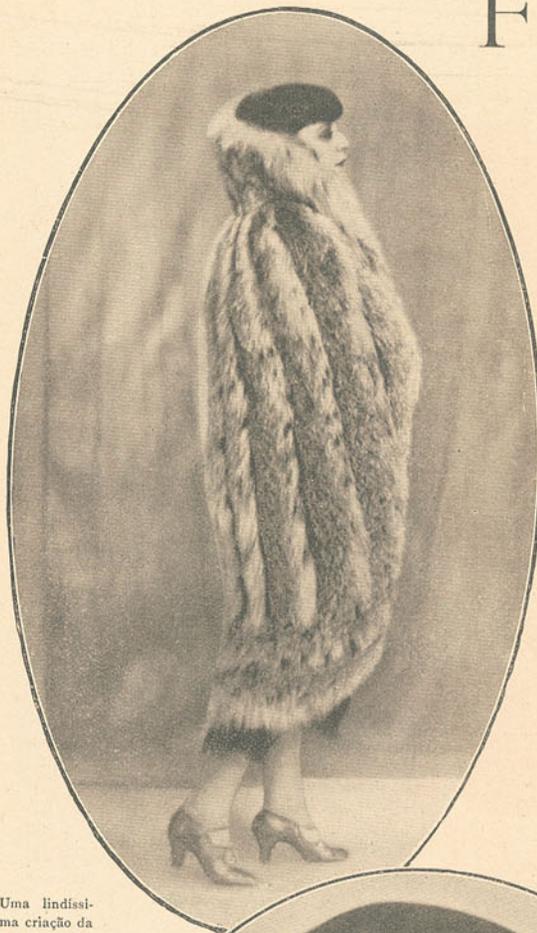
RO
MEI
ROS
A
FÁ
TI
MA



O humilde e bom povo português, crente e ingénuo, acorrendo à romaria numa ânsia de milagre, oferece pelos campos e pelas veigas de terreno um espectáculo bizarro e original que Mário de Novais focou para a *Ilustração* em belas fotos de arte

A *Ilustração* é a única revista portuguesa que reproduz clichés autênticos da peregrinação deste ano à senhora de Fátima

F E M I N I N A



Uma lindíssima criação da casa Vergne. Manto de peles em lynce lançado por Christiane d'Or

(Foto Manuel Frères)

Feltro negro ornado dum motivo alegórico da aviação, uma asa em pérolas. Criação Alphonse

(Foto Henri Manuel)



O Inverno!... Inverno!... Quando virá o inverno... este inverno?... Por enquanto, os dias lindos, as manhãs radiosas, não cedem ainda ante o sôpro agrêste da nortada e ante as cordas de água que açoitam desabridamente o mundo numa flagelação impiedosa como castigo de tanta volubilidade.

Inverno!... Inverno!... Quando virá ele?

Éis uma pergunta que as elegantes não fazem como a faz o poeta ou o artista. A elegante, artista muito particular que esculpe e pinta

alguns), são excepcionalmente belos de linha e duma sobriedade por isso mesmo ainda mais elegante se é possível.

Modas de espanto mas de bom gosto. Modas de luxo... Modas de inverno!... Mas o Inverno... Quando chegará ele este inverno?...

com sêdas e modêios, vê chegar o inverno quando chega o figurino da nova estação das chuvas. E então, faça sol ou chuva, vente ou torre, aparecem os casacos de pele de sem igual sumptuosidade, surgem os *renard* e os abafos, inaugura-se a dinastia famosa dos *petit gris*, dos vison e dos lynx. O inverno, estação de luxo sem igual, «soirées» de gala, bailes, teatros e recepções, footing matinal e chás das cinco nos estabelecimentos elegantes, é assim, sem contestação, uma estação de modas complicadas, complexas, arrebicadas. Os modêios de inverno (aqui damos

À direita: Vestido em crepe georgette branco bordado a vidrilhos doirados. Capa de arminhos brancos. Criações de Alice Bernard

(Foto Manuel Frères)

Em baixo: Casaco originalíssimo em caracoule gris, Criação da casa Vergne

(Foto Manuel Frères)



CINEMA- TOGRAFIA

ILHA EN- CANTADA



Francesco Della Rocca

Francesco, na auge da cólera, desce à planície e entra nas fundições onde vê, subitamente, desenhada no clarão fantasmagórico do metal em fusão, a silhueta cheia de encanto da mulher que salvou da morte. Encaram-se cheios de emoção e o rude montanhês, desfeito o encanto, exclama :

— Procuo a pessoa que manda aqui!

E a voz musical de Gisela exclamou :

— Sou eu!...

E o homem enfurecido desapareceu com o coração cheio do mais alto amor.

Uma bela manhã chega Firmino Rault com Gabriel Lestrage, que volta da América e tomam conhecimento de que Gisela vai desviar dispendiosamente os trabalhos de captação para poupar o velho moíno dos Della Rocca. O industrial indigna-se e quer liquidar tudo essa noite. Gisela, que sabe que Francesco deve vir essa noite visitar o velho moleiro, sobe à montanha e oferecendo-lhe o seu amor e a sua alma consegue evitar que o homisiado desça à campina. Entretanto, Firmino Rault, metendo pelo meio um crêdor do velhinho, apoderou-se do moíno e expulsa o antigo moleiro que, nobremente, recusa qualquer compensação em dinheiro e sobe pensamente à montanha em procura do neto. Francesco, ao saber o que se passa, tem como que uma revelação : os beijos de Gisela, o seu amor, eram outras tantas mentiras combinadas com os espoliadores para o reter longe do moíno velho. Gisela nega, implora, mas Francesco, enorme como o furor que o possui, corre para o domínio ancestral dos Della Rocca. No caminho encontra o automóvel do industrial e atravessasse-lhe no caminho, obrigando-o a parar. Mas Gisela interpõe-se entre os dois homens e grita ao pai que perence a Francesco, a quem ama.

É então o milionário que fica tremendo de cólera e julga que o homisiado se apoderou do coração da filha para exercer uma chantagem sobre êle, vendendo-lhe o castelo pelo preço que quizesse e a um gesto seu os operários, já preparados, fazem saltar o castelo pelos ares com cartuchos de dinamite. Mas o reflexo foi imediato e terrível e Firmino Rault, varado por uma bala do montanhês, cai nas águas tumultuosas do rio que quiz vencer.

Gisela, mulher lindíssima, viuva e que outrora fez estudos científicos que lhe deram o título e o saber dum grande engenheiro, vem para junto de seu pai, Firmino Rault, para o secundar na direcção dos seus negócios colossais à frente duma poderosíssima empresa de fundição de aço. Junto dêles vive Gabriel Lestrage, engenheiro chefe das forjas de Rault.

O velho industrial veria com prazer que Gisela casasse com Gabriel, homem de grande talento, mas sua filha, sem hostilizar o projecto, mostra sempre que apenas sente pelo seu companheiro de trabalho uma grande estima, uma amizade simplesmente fraternal.

Gisela e Firmino Rault, no seu constante desejo de aperfeiçoar a aparelhagem dos estabelecimentos metalúrgicos que dirigem e subtraír assim os operários a tarefas penosas, vão tentando electrificar a pouco e pouco as oficinas da sociedade. Essa reforma começa sobretudo a intensificar-se na sucursal fabril que mantem na Corsega.

Gisela, numa vista à encantada Ilha e ao tentar uma operação geodésica para estudo da futura utilização da hulha branca, escorrega numa escarpa e despedaçar-se-ia no fundo duma ravina temerosa se um montanhês heroico não a salvasse quasi milagrosamente.

O homem que acaba de a salvar é Francesco della Rocca que, outrora, para vingar sua irmã ultrajada, praticou a lei terrível da «vendetta» e anda a monte, fugido aos gendarmes.

O avô de Della Rocca ficara na aldeia, onde vive do produto duma azenha construída, há um século, nas ruínas do castelo ancestral da nobre família Della Rocca e vê agora que o seu pão está em perigo pelos parques rendimentos da sua moagem. É o neto que desce ao povoado para, violentamente, livrar o pobre velho das maquinações dum usurário que quer apropriar-se do moíno. Mas surgem os gendarmes e Francesco, ferido pelo sargento é julgado morto. Mas o homisiado está escondido no próprio posto e ouvindo a mulher do sargento implorar um médico para salvar o fillinho que agoniza, aparece sem receio de se entregar. Como foi outrora estudante

de medicina, tenta heroicamente uma operação, salva a criança e ao retirar-se é novamente alvejado pelos agentes da lei comandados pelo sargento, conseguindo, porém, fugir.

Entretanto, Gisela, querendo aproveitar as quedas de água, encontra pela frente o furor do povo que se sente espoliado nos seus bens. Quando a filha do industrial propõe ao velho Della Rocca uma forte indemnização para fazer demolir as ruínas do seu castelo, o moleiro, orgulhosamente, recusa quaisquer negociações e participa ao neto homisiado que os intrusos querem desalojá-lo.



O montanhês salvara a formosa Gisela



Gisela adorava o pai...

Quando Gisela volta a entrever Francesco que lhe vem pedir que o mate, foge cheia de horror e o homisiado vai entregar-se à justiça dos homens. De noite, no cárcere, apparece-lhe a mulher do sargento, que lhe vem oferecer a liberdade, a elle que outróra lhe salvou heroicamente um filhinho. O montanhês recusa mas a pobre rapariga garante-lhe que, se elle fugir, Gisela virá juntar-se a elle. O amor vence Francesco, que sai com a mãe abnegada. Mas quando esta vai dirigir-se para o palácio dos Rault, Francesco detem-na com um gesto imperioso, ajoelha junto dela, beija-lhe a fimbria da saia e a sua silhueta em breve se perde na montanha, essa montanha magnânima que vai recolhê-lo e consolá-lo. Viverá junto do trémulo avô,

almas cheias de grandeza, vindas tarde de mais a uma humanidade que o progresso impiedoso há de em breve aniquilar. E Gisela viverá também a sua esteril e triste vida entre a maquinaria estrondosa, monstros de ambição que lhe despedaçaram a alma.

Este é o mais belo filme dêsse mago da cinematografia que se chama Henri Rousset, o realizador de «Violetas Imperiais» e «Destinée». A interpretação, fora de comparação, dêste filme maravilhoso, coube a Rolla Norman, Jacqueline Forzane, Renée

Heribel e Gaston

Jacquet, um *quatuor* magnífico, só por si sufficiente para celebrar uma obra. Mas há uma outra personagem magnificante no portentoso filme; é a Corsega, a Ilha Eucan-

tada, maravilha de Deus, que aparece como *leit motiv*, servindo de fundo à acção numa empolgante evocação das suas belezas a um tempo trágicas e sublimes de formosura.

* *

A Equitable Films de Paris, anuncia que adquiriu o exclusivo de toda a produção actual e futura do famoso e arrojado artista Carlo Aldini. Dois filmes deste lote estão já prontos a ser executados e o terceiro está em fins de filmagem. Todos os exteriores dêste último filme foram executados na Noruêga e asseguram-nos que será uma grande maravilha do écran, esta nova produção a todos os titulos sensacional.

* *

Veja-se um filme japonês?... Eu já vi um filme japonês e fiquei crente de que, no Japão, as pessoas se não beijam!

São pessoas razoaveis, portanto, os japoneses. Porque, na



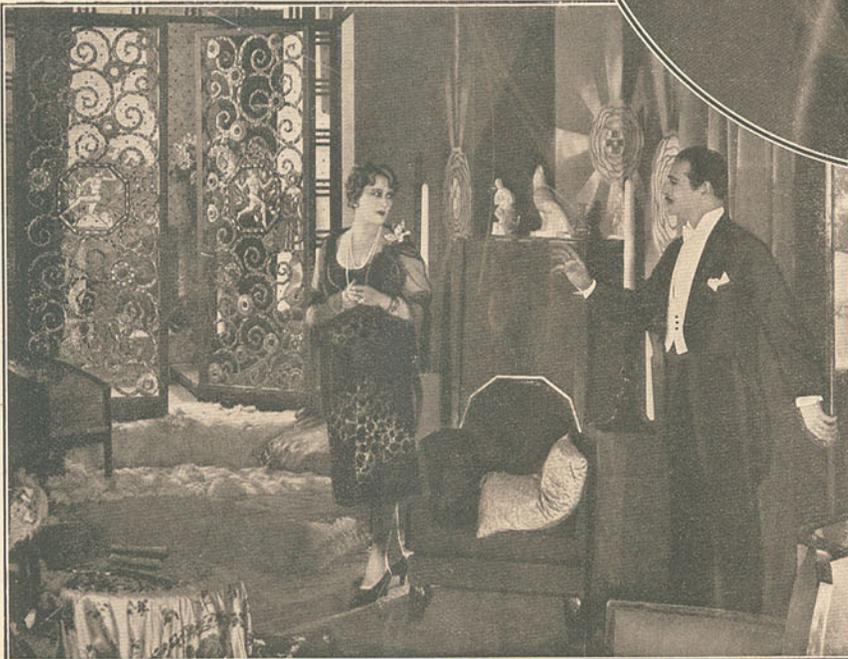
A formosa e dulcissima bondade...

verdade, para que serve um beijo?... Um contacto mais ou menos carminado, pressão brutal ou levíssima carícia à flôr da pele, em 10 metros de filme, num plano muito grande, grande, muito grande, a fechar num *iris* definitivo. Depois — *Fim*. Eis o que são quasi todos os finais de filmes. Finais sem significação. Porque... para que serve um beijo? Nos filmes japoneses não há beijos. Parece-me portanto que os japoneses não consideram razoavel o beijo...

E os japoneses são pessoas razoaveis!

* *

Um jornal francês põe a seguinte hipoteses em concurso de respostas: «Se houvesse um cataclismo no mundo cinematográfico e lhe dessem a defesa de três realizadores e três filmes franceses, quais escolheria?» O que serão as respostas?

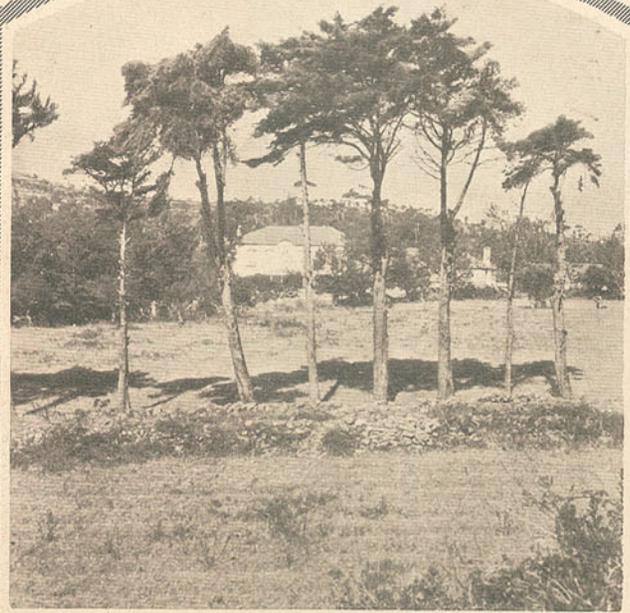
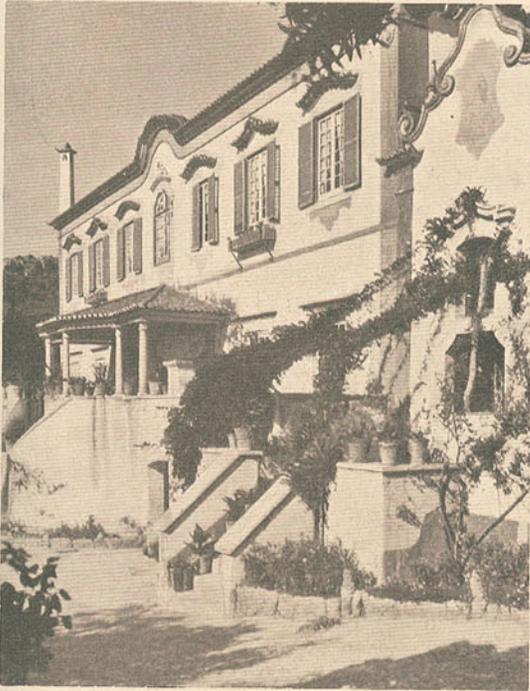


Gisela voltou à vida de Paris, sempre pretendida pelo engenheiro Gabriel Lestrage a quem não podia amar...

A CASA PORTUGUESA

QUINTA DA BARROCA CACEM

PROPRIEDADE DO SR. CARLOS NAPOLES DE CARVALHO



A FACHADA LATERAL DEVE TÔDA A SUA GRÇA ÀS PROPORÇÕES DAS JANELAS E AOS SIMPÁTICOS GIGANTES QUE LHE SERVEM DE AMPARO

NA FRONTARIA PRINCIPAL, A ENTRADA DA CASA FAZ-SE POR UM ALPENDRE QUE DOMINA, QUAL TRIBUNA, O AMPLO TERREIRO EM FRENTE

DE LONGE, POR ENTRE OS TRONCOS DUMA VELHA GUARDA DE CONÍFERAS, A MORADIA OPERECE ASPECTO PITORESCO E SENHORIAL

A SALA DE JANTAR

CONSTRUTOR : GUILHERME GOMES

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



OBIDOS — VELHO BURGO COM SEU CASTELO ROQUEIRO

(Cliche de arte por Mário de Novais)

PARASITAS DO ESFORÇO E DO PRAZER ALHEIO

A vida moderna, plena de contrastes, violenta na luta pela existência, pródiga na pesquisa do prazer e no desbarato do dinheiro, criou, automaticamente, uma fauna curiosa, que vive à margem do dinheiro, da luta e do prazer.

Os borlistas.

Esta nova classe, vive e aumenta, até formar uma interessante e tácita organização à medida que o esforço é mais árduo, e os prazeres sóbem de preço. É a lei das compensações, efectivando-se em redor desta coisa tremenda que é a bussola de toda a organização económica.

O preço.

Nos tempos felizes das sociedades, há muitas oferendas gratuitas. Época de exclusivismo, em que todos os valôres são marcados com a cifra do preço, época tremenda, em que tudo se vende, tudo tem um custo, fatalmente, essa mesma época deve-

ousadamente na livraria; deixar-se envolver da ideia de que vai comprar o *vient de paraitre*, que é um frequentador de livre-

olhares oblíquos, colaboradores gratuitos do consumo de leitura.

Os mais conspícuos cavalheiros vão meter o nariz e acompanham página a página a leitura do comprador de publicações.

E não raro se dá o caso de outros borlistas, não podendo tomar lugar nesta curiosa operação, aguardarem a sua vez e pedirem por empréstimo duns momentos, a cubiçada publicação.

As invenções, as extraordinarias descobertas dos borlistas, valem um capítulo de psicologia contemporânea. Eles descobrem, por exemplo, que nas exposições de arte, há magníficos sofás, donde repousadamente se pode admirar a obra dos artistas.

Pois a pretexto de vêr as exposições, há quem vá matar saudades dum assento fôfo, pousando e gosando gratuitamente a delicia burguesa de também possuir a comodidade de uma poltrôna. Há gente que só dêste modo conhece um assento estofado fóra das montras das casas de mobilia.

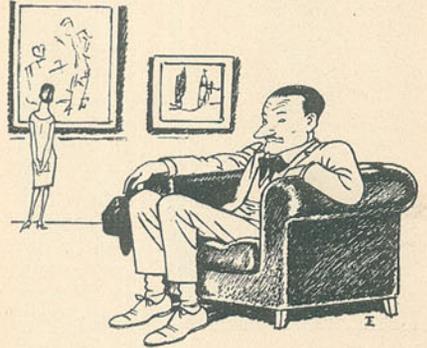


ros, e borboleteando pelos *ctangeres*, procurando um volume ideal, vai folheando avaramente, gratuitamente, todos os livros que lhe dêr na gana. Há bibliófilos assim, que são ao mesmo tempo distintos... borlistas.

O mesmo caso, é freqüente nos epicuristas do paladar.

Existem muitos exemplares de curiosos borlistas, que conhecem tôdas as cambiantes do gosto da manteiga, as variadas tonalidades das cerejas e das azeitonas, dos morangos e outros pequenos acepipes, adquiridos sem pagar, a pretexto de prova.

É incalculável o número de pessoas que lêem revistas sem pagar. Em tôda a parte, nos jardins, nos teatros, nos cafés, nas car-



Os médicos são também vítimas dos borlistas.

Todos os médicos teem, mais ou menos, a título de propaganda, amostras de especialidades farmaceuticas, enviadas pelos fabricantes ou depositários.

Os borlistas não esquecem êstes pormenores da vida moderna, e cultivam esta vantagem.

Nada se perde nesta época em que tudo está reduzido a dinheiro.

Um automóvel, um carro eléctrico, representa uma força. A energia dispendida dava para um maior rendimento de esforço. Há quem não se esqueça dêle. Não é raro vermos um ciclista apoiado a um automóvel ou a um eléctrico. O mesmo esforço que leva os passageiros que pagam, pode computar uma ajuda a êste borlista singular.

Portugal é o país dos borlistas. Pelo menos é assim que são considerados em *argot* teatral, os portugueses, nos países novos, nos países onde se trabalha, como a Argentina.

EDUARDO FRIAS.



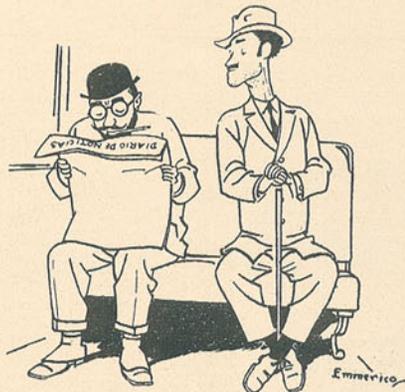
ria gerar o instinto de defesa, desenvolvendo a luta pela recusa à esportula.

Daqui o advento dos borlistas.

É incalculável o seu número, e os recursos de que dispõem.

Vejamos na leitura. Temos as bibliotecas públicas. Aqui a leitura não tem aquêlê agradável sabôr dos valôres comprados. Não tem a surpresa, a ilusão do dinheiro, o esforço para a conquista dêste pequeno prazer... sem dinheiro. A biblioteca pública, com as suas centenas e centenas de milhares de volumes, e seus catálogos acessíveis, não possui a extraordinaria sedução da montra minúscula dum livreiro. Todo o interesse da leitura é estimulado por esta frase, que é um frontispício irresistível: — «Se eu podesse comprar aquêlê volume».

Como o verdadeiro apetite é apenas vêr o conteúdo, saborear as suas melhores folhas, êste discreto mas irresistível desejo está satisfeito desde que êle passe para a categoria do instinto borlista. O amator de livros nada mais tem a fazer do que entrar



ruagens do caminho de ferro, é vulgarissima a scêna dum indivíduo que abre um jornal ou uma revista, tendo a seu lado, com

VIDA CIENTÍFICA

AS VARIEDADES DE TRIGOS

Contam-se actualmente cerca de 2.000 variedades de trigo, desde as Índias à Nortega e desde a Argélia ao Canadá; e essa abundância de variedades, adaptadas a diversas condições climáticas e a solos de vária natureza, permitiu que a humanidade fizesse do trigo o cereal de maior gasto na sua alimentação.



Espiga de trigo em flor

Encontram-se grãos de trigo nos túmulos egípcios e nos monturos das populações lacustres.

Nas mitologias afirma-se que a sua cultura foi ensinada por deuses, Ceres na Hélada, Osiris nas margens do Nilo. Já Heródoto, o pai dos historiadores, falava do precioso grão e inquiria do seu país de origem, citando Berósio, padre caldeu, que considerava o trigo como oriundo da Mesopotâmia. Não se sabe. O botânico Aaronsohn, nos nossos dias, encontrou o *Triticum dicoccum* vivendo como qualquer erva nas encostas do Hermon, perto do lago de Tiberiade onde, na frase do Padre Vieira, correu fortuna a barca do

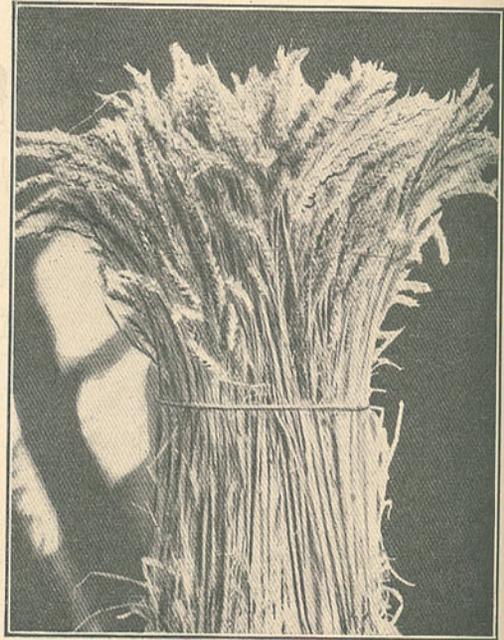
Apostolado. Não se sabe. Para o trigo, como para o homem, pode discutir-se entre monogenismo e poligenismo, entre um ou mais lugares de formação espontânea, à superfície da terra. A classificação dessas 2.000 variedades de trigo faz-se em 50 secções e a de estas em sete grupos, cuja mais importante é o dos trigos móles, *Triticum sativum*, de Linneu. Modernamente, há quem proponha uma outra classificação baseada no número de cromosomas, que são certas formações do interior da célula, contidos na sua semente. Há trigos de 14, de 28 e de 42 cromosomas, pertencendo a esta última classe os trigos moles que são os mais interessantes sob o ponto de vista económico.

É também nesta classe que se incluem as variedades obtidas ultimamente por hibridação. Procura-se, por esse processo, aumentar o rendimento da espiga em grãos ou o do grão em farinha, ou a melhor qualidade desta, ou a resistência da planta às doenças parasitárias e às condições desfavoráveis de clima. Cruzando duas variedades de trigo notáveis, cada uma delas por algumas das qualidades referidas, tenta-se obter uma variedade que acumule os caracteres de ambas.

O cruzamento faz-se levando o pólen de uma das variedades de trigo para as flores da outra variedade. Começa-se por preparar a espiga desta última, destruindo algumas flores do centro de cada espiguilha para facilitar o trabalho da hibridação. As flores restantes tiram-se os estames, que é a sua parte masculina, substituindo-os por estames que se vão buscar às espigas da outra variedade de trigo que entra na constituição do

híbrido. Para evitar que outro pólen venha perturbar o cruzamento, mete-se a espigamãe num saco de papel.

Empregam-se os costumes cuidados cul-



Espigas de trigo *Vilmorin 1023*

turais, defende-se a espiga contra os ares por meio de uma rede de arame e, por fim, colhem-se os grãos. Estes semeiam-se nos anos seguintes, procedendo-se então a estudos que tem por fim saber se, na verdade, se conseguiu obter uma variedade fixa, isto é, não degenerando no ano seguinte para as características de qualquer dos dois progenitores e, mais tarde, se a nova variedade tem qualidades que especialmente recomendem a sua adopção. Leva-se nestes estudos cinco ou seis anos.

Vários laboratórios, por todo esse mundo, se dedicam a estes trabalhos de hibridação, e por isso o número de variedades de trigo vai crescendo em cada ano.

Mas nem sempre os méritos apregoados de uma variedade correspondem ao que se observa, particularmente quando se semeia em região de clima diferente do que tinha no seu lugar de origem.



A região onde o botânico Aaronsohn encontrou o *triticum dicoccum*

À VOLTA DA SANTINHA DE FAFE

(Conclusão)

(Do nosso enviado especial o Reporter X)

(Cliche de Álvaro Martins)

ela nega e combate desesperadamente e que, muito novinha ainda, atravessara o Marão, todo gelado e que a maternidade a surpreendera, ficando nas longas horas que se lhe seguiram, inanimada sobre a neve.

«Scientificamente esta hipótese é verosímil e explica a catalépsia em que ela mergulhou durante vinte e quatro anos, insensível ao fogo e a todos os processos de reacção a que a sujeitaram.

«Até aqui nada existe de inexplicável no «seu caso»... A continuidade, sim. Maria de Jesus desperta, recusa a fala, mas prossegue insensibilizada quasi por completo e a sua circulação mantém-se sem que ela tome o menor alimento — sem que sequer ingira uma colher de água...

«Durante o estado cataléptico, o enfermo não se alimenta naturalmente, queimando então todas as reservas do seu organismo, diminuindo, pouco a pouco de peso, a pesar do pouco gásto que faz o seu funcionamento interno — obrigando os médicos a alimentá-la indirectamente... Mas Maria de Jesus há já 34 anos que não come nem bebe. Maria de Jesus há dez anos que vive fora da catalépsia... Não há reservas que resistam a tão longo gásto sem renascimento... E Maria de Jesus, pelo menos no que me é permitido constatar, não diminui de peso... E há mais: não exerce nenhuma necessidade fisiológica. É uma múmia... um objecto que pensa e fala por um mecanismo de *motu continuo* fora do alcance da sciência experimental.

— O doutor não admite a existência de uma mystificação? Não julga possível que ela se alimente ás ocultas?

Dr. Maximiano Matos vai a pronunciar uma palavra que não chega a articular. Hesita um pouco — e depois fala, sem peias:

— Eu sou um médico, habituado, desde a escola, a desvendar os mysterios do corpo humano... Sou além disso, um espirito moderno e liberto de todas as obsessões. Podia dizer-lhe, apoiado nas minhas próprias ideas que o «fenómeno» de Maria de Jesus estando ainda na zona das trevas — não tardaria a ser explicado... Mas não é assim. O «caso de Maria de Jesus» está impenetrável...

«Que ela ludibrie o público — também não creio. Tenho a certeza que não se alimenta, de facto. Ela não pode levantar-se... As criadas que com ela se zangam e se despedem; e as próprias vizinhas despeitadas por este ou aquele motivo — podem dizer mal do seu génio; o que nenhuma afirma é que a tivesse visto comer ou beber.

«Não... É preciso acreditarmos que estamos frente a um «fenómeno» impossível de estudar, visto que ela se nega não só a um internamento num hospital como até a que a auscultem e que a examinem de perto...

O mysterio continuava rodopiando à minha volta, cada vez mais intrigante... Só me faltava aquele paradoxo... Que o médico acredite no que o sacerdote nega...

RIDEAU...

Estávamos chegados à casa da «Santinha»... A moça da alvíssima epiderme é dos olhos azues, que pouco antes encontrára junto à doente, rondava, de longe, o santuário... O dr. Maximiano Matos fala-lhe:

— Deixe-me cá, sr. doutor... Ela está muito excitada desde a visita destes senhores... Logo que êles saíram pôs-me fora de casa, dizendo: «— Hoje não voltas cá... Não recebo mais ninguém... Não quero ver mais ninguém!»

Mas o illustre clínico tem ainda uma esperança. Pé ante pé aproxima-se da porta de ferro do n.º 9... Bate quatro vezes... A quarta, uma voz impaciente pergunta quem é...

— Faça favor de abrir... É gente amiga... — Tenham paciência... Hoje não recebo visitas...

— Mas sou eu... o seu médico.

E a «santinha», com ou sem ironia, mas plagiando a Tolstoi, na hora da agonia, responde:

— Não posso recebê-lo, sr. doutor... Estou doente... muito doente...

E assim termina a reportagem... E assim fica a charada — sem decifração...

Fafe, 4 de Outubro.

REPORTER X.

teve durante uns anos. No seu jejum actual — não!

«Correm muitos dizeres entre o povo — e eu não posso acolhê-los porque sei o que vale a fantasia popular... Mas comprovou-se que todas as noites entra em casa de Maria de Jesus um homem, encarregado por ela, de acender a lâmpada do oratório — e é — ao que parece — quem lhe leva a comida.

«É verdade? Não o é?»



Frente à casa da «santinha» de Fafe. — O enviado especial da Ilustração entrevistando o seu médico assistente, Dr. Maximiano Matos, antigo deputado democrático.

...—O caso de Maria de Jesus está fora dos dominios actuaes da sciência.

E o jóvem abade de Fafe remata as suas declarações, a que não faltam nem nitidez, nem firmeza, nem intelligência — com um vago encolher de ombros.

Decididamente o «caso da Santinha» não lhe interessava nem ao seu espirito estudioso nem à sua consciéncia de sacerdote.

A OPINIÃO DA SCIÊNCIA

A misteriosa Maria de Jesus tem sido assistida, pelo menos nos últimos anos, pelo dr. Maximiano Matos, antigo deputado, médico do Hospital e clínico que goza de justificada glória em toda a região. O dr. Maximiano Matos é, sob todos os pontos de vista, um jurado precioso para este julgamento, em que a verdade parece sentar-se no banco dos réus.

Oferece-se, com amável espontaneidade, à impertinência do repórter e êle cede em acompanhá-lo de novo a casa da «Santinha». E pelo caminho, que é curto, abre, de par em par, a sua consciéncia:

— As características da Maria de Jesus são gémeas às notadas no fenómeno de misticismo de Baviera... Até a ulceração da perna direita, as distribuições das chagas coincidem como se fôsses registadas por um mata-borrão...

«Sobre o início do «trance» — chamemos-lhe trance — correm duas versões. A primeira — que ela mantém e defende — é que foi surpreendida pelo ataque de catalépsia quando mourejava numa fábrica da vizinhança... A outra, que

O abade que há sete anos ciceroneia as almas da vila chama-se João Moreno. É um abade jóvem, cuidadoso de si, uns olhos negros que refulgem viveza. Espirito moderno — dentro da evolução da própria Igreja — a sua palestra fluente, clara, por vezes brilhante, revela uma consciéncia sensível e uma intelligéncia cultivada.

Vamos encontrá-lo na cêrca do seu templo, em obras, dirigindo os operários. Liga a nossa conversa um pretexto: se êle conseguiria de Maria de Jesus, atacada de «kodak-fobia», consentimento para a fotografarmos.

É a sua attitude desenhá-se immediatamente, com toda a clareza:

— Posso tentar o que me pedem — mas sem esperança alguma de êxito. Devo mesmo declarar-lhe que, se eu, como sacerdote, cumprio o dever de a visitar a miúdo e de confortá-la como posso, não tenho a menor afinidade com essa criatura...

— Nesse caso o «milagre»... a «santidade»...

— Não! Não posso, por respeito à minha própria religião, colaborar de longe sequer com a falsa crença urdida, sabe Deus por quem, mantida, durante muito tempo, sabe Deus com que fito...

«O Supremo mando, a Igreja, na selecção de existências immaculadas e dignas de serem consideradas mais próximas a Jesus, emprega, entre outros meios, o do estudo do uso e frequência de sacramentos. Ora Maria de Jesus não pede senão de longe em longe, que a Igreja a sacramente...

— Mas ela está há tantos anos aparafusada ao leito... — insinuai.

— Se Maria de Jesus possuisse, de facto, uma fé tão ardente como proclama, podia pedir a sua casa, sempre que quisesse, os sacramentos. A Igreja — sobretudo na sua moderna orientação — enche-se de facilidades nesse sentido...

«Mas há mais... há muito mais... É que para Santa faltam a Maria de Jesus muitas virtudes. Dotada de um carácter irascível, encolerisa-se à menor causa... Conheço pessoas que foram ofendidas de palavras — porque não aceitavam como dogma, logo à primeira vista, a sua santidade.

«Ora um santo, precisamente porque o é, sofre com aquela resignação humilde que Jesus Cristo nos ensinou, não digo já contrariedades — mas até os piores insultos...

Estava, pois, negada pela Igreja, a lenda da Santidade. Faltava agora saber a opinião do abade sobre o «fenómeno» em si. Um caso inédito ou inregistado, mas de molde a caber dentro da sciência — ou «milagre», pelo menos, pela sua inexplicação?

— O diagnóstico de Maria de Jesus pertence aos médicos e não ao sacerdote... Contudo existe já um péssimo ponto de partida, evidente, comprovado. É que essa mulher faz da crença e das lendas tecidas à sua volta um negócio — em proveito próprio. Não havia prémio de Deus que não se extinguisse logo que o aproveitassem em tal indústria. Mas se Maria de Jesus não come, não tem a menor necessidade fisiológica — para que quer ela o dinheiro?

«A fama fortaleceu-se durante uns anos, por mera coincidência. Um pobre de espirito foi consultá-la para lhe pedir interfeéncia para a resolução duma demanda. Ganhou o crente — e depois de recompensar aquela que julgava autora da sua vitória — espalhou aos quatro ventos os seus poderes extraordinários...

«Esses poderes temem-se manifestado, por vezes, de forma bem extravagante... Um dia, uma dama brasileira veio visitá-la para que o seu espirito mui esclarecido lhe indicasse duas serviçais, dignas dela, que a acompanhassem ao Rio de Janeiro, sem perigo de desgosto nem de despesas de reexpatriação. Pois bem... Maria de Jesus não podia escolher melhor: indicou à boa fé da senhora brasileira as duas raparigas de pior reputação e pior vida desta terra... E tanto assim que apenas se mantiveram no Rio uns meses.

«Isto no que se refere aos «milagres» consequentes do seu «milagre»...

— É com respeito ao «milagre» físico — chamemos-lhe assim?...

O abade cruza os braços e com um ligeiro movimento de cabeça, responde:

— Não creio nêle... Creio, sim, no jejum consequente do estado cataléptico em que es-



(A ANDRÉ SUAREZ)

CARTA PERLIMINAR

Hassi-Inijel, 8 de Novembro de 1903.

A data em que mando publicar estas páginas, dá-me a certeza de que a esse tempo, já a luz do sol se terá sumido dos meus olhos.

Se preparo e promovo esta publicação, não julguem que o faço por amor próprio de autor; para mim, estas coisas morreram. Mas é na verdade inútil que outros me sigam pelo caminho por onde não hei-de voltar.

Quatro horas da manhã. Não tarda a aurora a estender sobre a *hamada* o seu rosado incêndio. Em torno de mim o *bordj* dorme ainda.

Pela porta entreaberta, oiço a respiração sereníssima de André Santo-Avito.

Daqui a dois dias, ambos nós deixaremos o *bordj* para seguirmos para além, lá para o Sul...

A ordem do ministério chegou ontem. Agora, ainda que eu quizesse, seria tarde para voltar atrás.

André e eu solicitámos esta missão. A autorização pedida é já uma ordem. Tantos pedidos, tantos empenhos e havia eu agora de resmungar e ter medo em face da empresa!...

Mêdo! Sei que não tenho mêdo. Tive-o uma noite, no Gourara, quando encontrei duas das minhas sentinelas assassinadas, com o ignóbil córte em cruz dos Bereberes no ventre! Sei o que é mêdo... E não é mêdo o que sinto ao olhar para a imensidade negra donde daqui a pouco vai surgir de repente o enorme sol de sangue. Sinto lutar em mim o horrór sagrado do mistério e a atracção com que fascina.

Sonhos, talvez. Imaginações de cabeça ex-

ATLANTIDA

ROMANCE

DE PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

citada e de olhos desvairados talvez pelas miragens. Dia virá decerto em que estas páginas com um sorriso de piedade, o sorriso do homem de cinquenta anos que lê cartas antigas. Sonhos, imaginações, mas a que tanto quero!

O capitão de Santo-Avito e o tenente Ferrières, estudarão no Tassili, as relações estatigrá-

cas dos grés albianos e dos calcários carboníferos... Aproveitarão a oportunidade para se informarem, eventualmente, das actuaes disposições dos Azdjer acerca da nossa influência... Isto dizia a ordem do Ministro. Por tão pouco não me valia a pena partir. Desejo o que têm. Grande será a minha decepção se eu não me vir em frente do que tanto me arripia.

Ao fundo do vale do Ued-Mia está a uivar um chagal. De quando em quando, no momento em que um raio da lua, rasgando as nuvens prenes de calor, lhe faz crêr que vem o sol, geme uma rôla nos palmares. Sôam passos lá fóra. Vou à janela e debruço-me. Uma sombra de vestes negras e luzentes desliza pelo pavimento da esplanada do forte. Um relampago na noite eléctrica. O homem acaba de acender um cigarro. Sentou-se de pernas cruzadas, voltado ao Sul. Pôs-se a fumar.

Ï Cegheir-ben-Cheikh, o guia torgui, o que daqui a três dias nos vai arrebatara para os desconhecidos e misteriosos planaltos do Imoschoach, através das *hamadas* de pedras negras, dos grandes uedles sécos das salinas de prata, dos gures fulvos, das dunas de ouro mate sobre que ondulam, quando sopra o alizio, penachos de areia amarelada.

Cegheir-ben-Cheikh! Ï êle. Está-me a lembrar a frase trágica de Duveyrde: «Mal o Coronel pôs pé no estribo, deram-lhe uma cutelada...» (1) Cegheir-nen-Cheikh!... Já está êle. Está a fumar sossegadamente um cigarro do maço que eu lhe dei. Deus me perdôe tal deslealdade! ...

O fotóforo lança sobre o papel a sua luz

(1) B. Duveyrier. Perda de missão Flatters. Bull. Soc. géo. 1881.

amarcla. Estranho destino o meu! Porque havia eu de ir para São-Ciro aos dezaseis anos e encontrar como camarada André de Santo-Avito?!...

Podia ter sido médico, advogado... Viver hoje tranqüilo nalguma cidadezinha onde houvesse uma igreja e um rio, e não seria êste fantasma de fato branco que está aqui, à janela, a olhar ansiosamente para o deserto sem fim, que o vai engulir.

Um grande insecto entrou pela janela. É um besoiro de Africa, negro, enorme, com manchas lívidas. Zumba, salta das paredes para o globo do fotóforo, e por fim, vencido, cai sobre a folha branca que além está, com as asas queimadas pela véla ainda grande.

Ponho-me a pensar nos de França, nos besoiros castanhos com manchas avermelhadas, que nas tardes de trovoadas se levantam como bolas do chão da campina da minha terra natal.

Ali costumava eu passar as férias em pequeno; depois as licenças... Durante a última, passeava comigo naquela mesma planície, uma delgada figura branca, embrulhada num abáfo fino, por causa do fresco da tarde, que ali é sensível.

Agora esta recordação mal me faz erguer os olhos um instante, para um canto escuro do meu quarto, onde brilha na parede nua o vidro de um retrato a sumir-se. Compreendo como aquilo, que me parecia dever ser tôda a minha vida, perdeu importância. Aquêle triste mistério já me não oferece interesse. E



se os cantores ambulantes de Rolla viessem murmurar debaixo desta janela de *bordj* as suas canções nostálgicas? Decerto que eu os não ouviria, e que, a tornarem-se importunos, os mandava seguir seu caminho. Que foi que assim me transformou? Uma história, uma fábula, talvez, contada por um homem sôbre quem pesa a mais terrível suspeita.

*
* *

Cegheir-ben-Cheikh acabou de fumar. Oíço-o ir vagarosamente para a casa B, junto do posto da guarda, à esquerda.

*
* *

Devemos partir a 10 de Novembro, o manuscrito junto foi principiado no domingo e acabado na quinta-feira, 5 de Novembro de 1903.

Oliveiro Ferrières
Tenente do 3 de Spahis

(Esta carta e o manuscrito lacrado, cuja leitura vai seguir-se, foram confiados ao quartel-mestre Châtelain, do 3 de Spahis, pelo tenente Ferrières a 10 de Novembro de 1903, dia em que este official partiu para o Tassili dos Touareg Azdjer (Sahará Central). Devia o quartel-mestre, a primeira vez que fôsse com licença a França, entregá-los a M. Leroux, juiz honorário da Relação de Riom, e o mais próximo parente de Ferrières. Tendo este magistrado falecido antes de expiar o praso de dez anos fixado para a publicação do presente manuscrito, levantaram-se dificuldades que retardaram até hoje a mesma publicação).

CAPITULO I

UM POSTO DO SUL.

No dia 6 de Junho de 1906 a monotonia da vida que se levava na posto de Hassi-Inifel foi quebrada por dois acontecimentos de desigual importância: Chegou uma carta de Mademoiselle Cecilia de C... e os últimos numeros do *Journal Officiel*.

O quartel-mestre, Châtelain, deitou mão aos jornais, pedindo vénia: — Dá licença, meu tenente?

Fiz-lhe sinal que sim, embebido já na leitura da carta.

«Quando lères esta carta, eu e a mãe já estaremos no campo. Se no teu bled te pode consolar a ideia de que eu me não aborrego, menos que tu, dou-te esta felicidade. Veio o Grand-Prix. Apostei no cavallo que disséste e, já se vê, perdi.

«Na ante-vespera, jantámos em casa dos Marciais de la Touche. Estava lá o Elias Chatrian com a sua mocidade nunca desmentida. Aqui te mando o último livro d'êle, que fez muito barulho. Parece que contém os vivos retratos dos Marciais de la Touche. Vão também os últimos de Bourget, de Loti e de France, além de duas ou três cantiguinhas em moda nos cafés-concertos. A respeito de política, fala-se em sérias difficulda-

des na applicação da lei das congregações. Teatros, tudo velho. Assinei a *Illustration* para o verão. Se te parece!... Na provincia não sabe a gente o que há-de fazer: para variar, apparece sempre a mesma collecção de patetas para jogar o «ténis». Não tens muito que agradecer-me, se te escrever a miude. E não me faças os miolos em água com o tal Combemale. Não sou nada feminista: tenho a maior confiança nos que me acham bonita, e em ti, principalmente. Mas apasas disso, põe-me fóra de mim só lembrar-me de que, se tivesse com um só dos rapazes da quinta, alguma pequena parte das intimidades que tu tens, decerto, com as tuas Ouled-Nails...Adiante. Há ideias muito pouco amáveis.

Ja eu nesta altura da prosa desta rapariga emancipada, quando uma exclamação escandalosa do quartel-mestre me fez levantar a cabeça:

— Meu tenente!
— Que é?

Avito é meu camarada de promoção — disse eu sêcamente.

Châtelain fez a continência e foi-se embora. Fui atraz d'êle.

— Então, meu velho, disse-lhe eu, batendo-lhe no ombro — não vale a pena amuar. Lembre-se que dentro de uma hora vamos para o oásis. Arrange os cartuchos e melhore o rancho a valer.

Voltei à secretaria e mandei embora Gourrut. Acabei de lêr rápidamente a carta de Mademoiselle de C... depois, peguei no *Officiel* e puz-me a revelar a ordem que dava novo chefe ao posto.

Havia cinco meses que eu servia de chefe, e não sentia pesada a responsabilidade, achando-me bem nesta independencia. Tudo correrá bem, melhor mesmo que no tempo daquêle Dieuiviol que acabára de morrer com a garrafa de absinto na mão. Era simpático a pesar do álcool, que o levava muitas vezes, a interrogar um Haussa em sacalavo. Durante cinco meses pareceram esquecer-se de substituí-lo. E agora, de repente...

O capitão de Santo-Avito!... Em São-Cyro eramos da mesma classe. Tinha-o perdido de vista. Depois a minha atenção voltou-se para êle: Subiu rápidamente de postos e foi condecorado com distincção por três audaciosas viagens de exploração ao Tíbet e ao Air.

Em seguida, falou-se em todo o exército da sua misteriosa viagem com o capitão Morhange, de que só êle voltou. Em França tudo esquece. Foi há três anos. Nunca mais ouvi falar em Santo-Avito. Até pensei que tivesse pedido a demissão... E quando menos esperava, vou tê-lo como superior!

— Vamos, pensei eu, êste ou outro... De resto, na escola, era um bellissimo camarada! E eu não tenho ainda o tempo preciso para ser capitão.

E saí a assobiar.

O sol poente avermelhava os pequenos canais estagnados donde os pretos sedentarios tiram a água com que regam as suas pobres sementeiras.

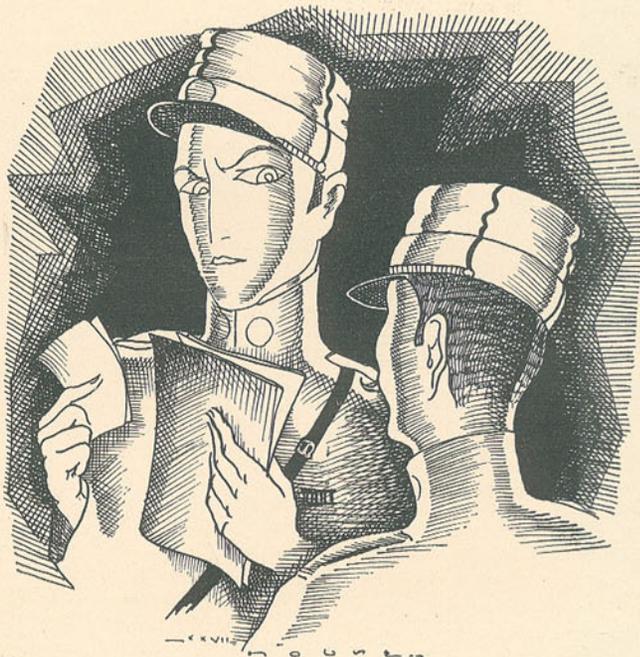
Estavamos agora Châtelain e eu, com as armas assentes no chão, já menos quente, ao pé do charco que há no meio do pouco fértil oásis, escondidos atrás de uma espécie de sébe de alfa. Durante o caminho, nem palavra. Durante a espera nem palavra. Visivelmente, Châtelain estava amuado.

Em silêncio, matámos, ora um, ora outro, algumas das miseraveis rôlas que vinham, a arrastar as asas, com o pêso do calor do dia, estancar a sêde naquela água verde e densa. Quando vi estendidas a nossos pés meia dúzia daquêles corpinhos ensanguentados, puz a mão no ombro do quartel-mestre:

— Châtelain!

Estremeceu.

— Châtelain! há bocado falei-lhe com dureza. Não se zangue. Foi o mau humor de antes da sêsta. Bem sabe que é a hora...
— O meu tenente é que manda — respon-



— Sim, senhor! Fazem-nas bonitas, lá no Ministério! Ora leia.

E estendeu-me o *Officiel*. Li:

«Por uma resolução datada de 1 de Maio de 1903, o capitão de Santo-Avito (André), fóra dos quadros, é colocado no 3 de sipais, e nomeado para o comando do posto de Hassi-Inifel.»

Châtelain enfurecia-se:

— O capitão de Santo-Avito, comandante do posto! Um posto a que não houve nada que censurar-se! Tomam-nos, então, por uma fábrica de guano!

Eu estava tão admirado como êle; mas dei pelo olhar velhaco de Gourrut, o *joyeux*, (1) empregado na escrita, que tinha parado de rabiscar e se puzera disfarçadamente a ouvir.

— Quartel-mestre! O capitão de Santo-

(1) Joyeux não tem tradução em português. É o nome que os franceses dão aos soldados coloniais. (Nota do tradutor).

deu êle, em tom aparentemente amuado, mas que traía comoção.

— Châtelain, não esteja zangado. Já sei que está com vontade de me dizer uma coisa... Bem sabe de que falo...

— Não sei, isso é que não sei...

— Falêmos sériamente, Châtelain. Diga-me o que sabe a respeito do capitão de Santo-Avito.

— Não sei nada! respondeu êle brusca-mente.

— Nada!? Então que queria dizer há bo-cado?...

— O capitão de Santo-Avito é um valente! É um herói — murmurou êle, sempre com a cabeça baixa.—Foi sósinho a Filma, a Air, a terras onde ninguém tinha ido! É um herói.

— É um heroe, decerto — disse eu mansamente — porém matou o seu companheiro, o capitão Morhange, não é verdade?

O velho quartel-mestre estremeceu, mas teimou ainda:

— É um heroe!

— Você é uma criança Châtelain! Terá acaso medo de que eu vá repetir ao novo com- mandante o que me contar?

Dei no alvo. Êle estremeceu.

— O quartel-mestre Châtelain não tem medo de ninguém, meu tenente. Esteve em Abomey, contra as Amazonas numa terra em que de cada moita saía um braço negro que nos separava uma perna, enquanto outro a cortava de um golpe com um cutêlo!...

— Então o que dizem, o que você mesmo disse...

— Palavras, só palavras.

— Palavras que se repetem por toda a França.

Êle baixou ainda mais a cabeça, e não respon- deu.

— O cabeça de burro — rompi eu — falas ou não falas?

— Meu tenente, meu tenente, — suplicou — juro-lhe que não sei nada!

— O que sabes vais-me dizer e já ou dou-te a minha palavra de que durante um mês não falarei contigo senão em serviço.

A ameaça era terrível: Em Hassi-Inifiel havia apenas quatro europeus, eu, êle, o sar- gento e Gourrut.

Châtelain suspirou profundamente.

— Pois bem, meu tenente, falarei. Mas, depois, não me censure por ter dito de um superior cousas que se não devem dizer, tanto mais que só têm por fundamento con- versas de mess.

— Dize!

— Em 1899 era eu cabo furriel em Sfax, no 4 de Sipais. Era tido em boa conta, e como não me embriagava, fui encarregado da mesa dos oficiais. Um lugar que era uma beleza. Ia às compras, fazia as contas, tomava nota dos livros que entravam e saíam da biblio- teca, e guardava a chave do armario dos li- cores. O coronel que era solteiro, comia com os outros oficiais. Uma tarde chegou êle atra- sado, e vinha pensativo. Sentou-se, pedindo silêncio e disse:

— Senhores, tenho que fazer-lhes uma co- munição e ouvir o seu parecer. Chega amanhã de manhã a Sfax o «Cidade-de-Napoles». Traz a bordo o capitão de Santo-Avito, que segue para o seu posto em Feriana.

E calou-se. Cuidei que se tratava de com- binar um jantar de festa. Conforme o cos- tume, quando ali passava algum oficial, os seus camaradas iam convidá-lo para vir a terra e estar com êle durante todo o tempo que se demorava. E êle pagava a sua parte em novidades. Fazia-se-lhe o melhor acolhi- mento possível, ainda que fôsse apenas te- nente. Mas pelo olhar que trocavam entre si os oficiais, logo vi que se não tratava disso. O coronel continuou:

— Não há aqui ninguém, creio eu, que não tenha ouvido falar do capitão de Santo- Avito, e do que dêle corre. Talvez êstes bo- atos não tenham fundamento: quero acreditá-lo pela rapidez com que êle tem subido de postos e pela condecoração que lhe foi con- cedida. Mas há pouca diferença entre não ter suspeitas de um oficial e convidar um camarada para festejá-lo à nossa mesa. Esta é a minha opinião. Agora queria ouvir a dos senhores.

Fez-se silêncio. Os oficiais entreolhavam-se com uma seriedade que nem deixava dis- tinguir os mais alegres dos mais graves. Ti- nham-se esquecido de mim e eu fazia o pos- sível para se não lembrarem. Passado algum tempo um comandante disse:

— Meu coronel, temos a agradecer-lhe o vir-nos pedir a nossa opinião. Sabemos a que boatos quere referir-se. Em Paris, no Serviço Geográfi- co do Exército, onde eu estava antes de vir para aqui, muitos dos melho- res oficiais tinham, acerca desta deploravel história, uma opinião

que se esquivavam a formular, mas que se percebia que era desfavoravel ao capitão de Santo-Avito...

Tornaram a calar-se. Um capitão acres- centou:

— Eu estava em Bammako ao tempo da missão Morhange-Santo-Avito. A opinião dos oficiais de lá não difere muito, infelizmente, da que exprime o comandante. Devo, toda- via, acrescentar que todos reconheciam não ter senão suspeitas. E meras suspeitas, são, certamente, insuficientes, sendo o acto tão atroz.

— Mas bastam amplamente — replicou o coronel — para motivar a nossa abstenção. Não se trata de fazer juizo: mas ninguém tem o direito de se sentar à nossa mesa. É uma prova de aliança fraternal. Do que se trata é de saber se os senhores julgam que a devem conceder ao senhor de Santo- Avito.

O coronel olhou para os oficiais um a um; todos com a cabeça, foram dizendo que não.

— Estamos de acôrdo, senhores — conti- nuou êle — mas Santo-Avito, fiado no cos- tume é capaz de vir aqui ter. É preciso que um dos senhores embarque às 8 horas da manhã na chalupa que vai buscar os passa- geiros ao «Cidade-de-Napoles», e dê a enten- der ao capitão que é melhor ficar a bordo.

O coronel tornou a olhar para os oficiais. Não puderam deixar de aprovar, mas ao mesmo tempo cada um fugia com o olhar, com receio de ser o escolhido.

— Suponho que não encontrarei entre os senhores um voluntário para tal serviço; tenho portanto de escolher. Capitão Grand- jean, Santo-Avito tem a sua patente; vejo- me pois, forçado a nomeá-lo para esta penosa missão.

O capitão Grandjean inclinou-se, ao mes- mo tempo que todos os oficiais soltavam um suspiro de alívio. Enquanto o coronel ali es- teve, Grandjean conservou-se à parte sem dar palavra. Só depois de o coronel saír mur- murou, com os dentes cerrados:

— «Há coisas que deviam ser levadas em conta para a promoção!»

No dia seguinte ao almoço, todos os ofi- ciais esperavam com impaciência que Grand- jean voltasse.

— «Então? — perguntou o coronel.

O capitão não respondeu logo. Sentou-se à mesa onde os camaradas estavam a preparar os seus aperitivos e bebeu, êle, de cuja sobrie- dade zombavam, bebeu, quasi de um trago, e sem esperar que o açúcar se derretesse, um grande copo de absinto.

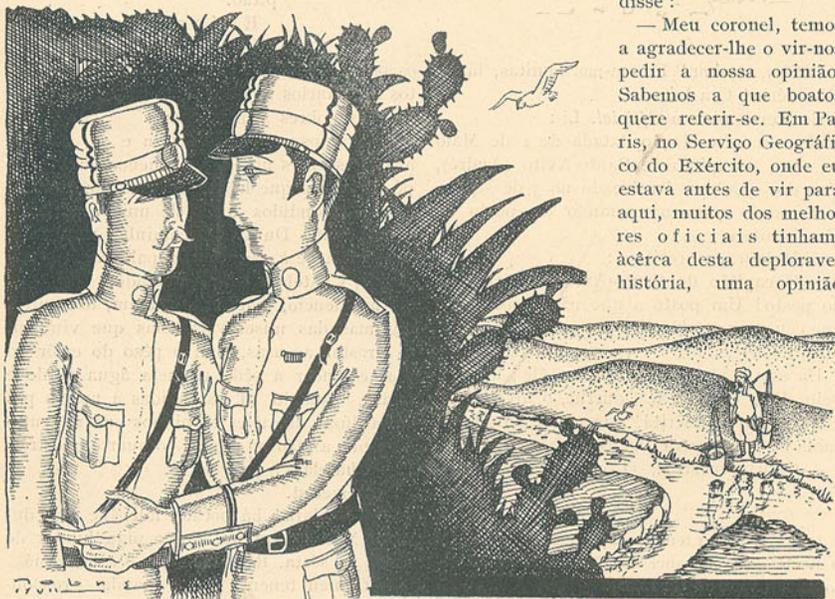
— «Então? — tornou o coronel.

— «Então, meu coronel, está tudo pronto. Pode estar sossegado. Êle não desembarcará. Mas, por Deus, que penosa tarefa!»

Os oficiais não ousavam dizer palavra. Só os olhares exprimiam a curiosidade ansiosa que os torturava.

O capitão Grandjean deitou água num copo e bebeu.

— «Olhem, eu tinha ido preparando as mi- nhas palavras pelo caminho; mas ao subir a escada vi que tudo se tinha evaporado. Santo-Avito estava na sala com o coman- dante do vapor. Pareceu-me que me iam fal- tar as forças para lhe dar o recado, tanto mais que o via já pronto a desembarcar: uniforme de dia, o sabre, em cima de um banco, esporas postas...



(Continúa).



Passatempo

O LABIRINTO DE ALKBOROUGH



O labirinto de que apresentamos a planta aqui junta, é muitíssimo antigo e muito afamado em Inglaterra, onde ainda existe em Alkborough, no condado de Lincoln (Lincolnshire). É como muitos outros daquele país, traçado na relva, e tem de diâmetro 44 pés ingleses, proximamente 13 metros e meio. Como se pode vêr, examinando a planta, não há nêle artificio nenhum, que extravie ou desnorteie quem o percorra. Só se pode seguir um caminho unico; de maneira que bem se vê ter êle sido traçado para pôr à prova a paciência e a ingenuidade dos que se metem a querer chegar ao seu recinto central e dali a retroceder até sair dêle.

É méramente fatigante, não embaraçoso. Quem quizer chegar ao seu termo, há-de chegar forçosamente; muita gente, porém, depois de ter metido pés à empresa, arrepende-se de a ter começado, e a ideia de ter de executar novamente o mesmo caminho para chegar ao ponto por onde entrou, não é sempre das mais agradáveis.



— Papá, o que é a lei da gravidade?
 — Eu sei lá, filho! Pensas que tenho tempo para tomar conhecimento com tôdas as leis parvas que êste governo se lembra de fazer?



GRANDE ABSTINENCIA

— Que idade tem, tiosinho?
 — Vou agora fazer cem anos — disse o mais velho habitante da aldeia.
 — E tem feito uso de tabáco tôda a sua vida, não tem?
 — Não; não posso dizer bem que fôsse assim. Só principiei a fumar aos onze anos.

UM MILAGRE

O florista: — Aquelas sementes de dália que lhe vendi, saíram de primeira ordem, não é verdade?

O frêguez: — Ah! sim; foi um sucesso absoluto! Admiravel mesmo! Tiveram o primeiro prémio na secção dos cravos!



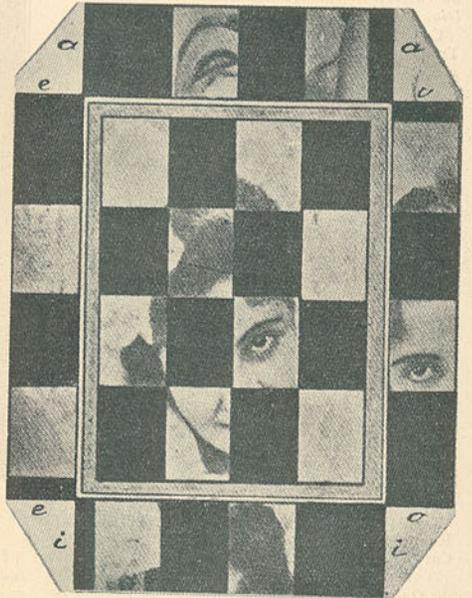
A BOLA E A ESPIRAL

(Solução)

Sobe-se a bola, fazendo-a percorrer as voltas da espiral até ao topo d'esta. Quando ela tem chegado a êste ponto, volta-se, de maneira que o anel deixe de ficar introduzido nas voltas da espiral mas sim, nos intervalos entre elas, cingindo o arame recto que se vê ao centro. Depois, faça-se descer o anel, rodando com ele, em direcção opposta áquela pela qual subiu. Quando se tem alcançado o extremo inferior do arame recto faz-se passar a argola que termina êste pelo anel fixo à bola, e esta encontra-se livre, e executada a paciência.

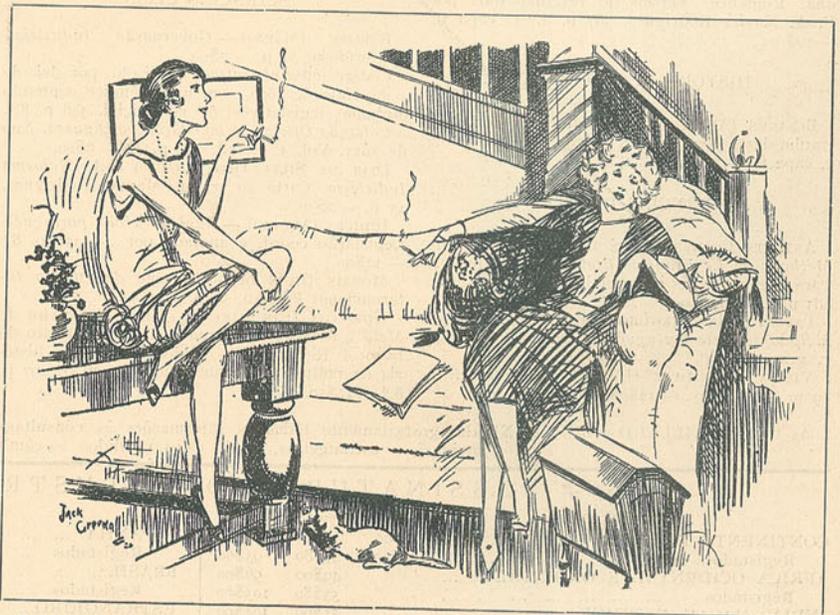
Para tornar a pôr a bola onde primitivamente estava, segue-se a marcha inversa.

UM RETRATO DE ESPANHOLA (Passatempo)



Trata-se de separar os rectângulos A, E, I, O, e sem os recortar, encaixá-los de tal forma no rectângulo grande emoldurado numa barra cinzenta, que se chegue a reconstituir uma cabeça de mulher coberta com mantilha branca. Bem entendido que, em caso algum, se deverão recortar as figuras em quadrados pequenos para obter êsse resultado.

Bastará dar alguns cortes que permitirão o intercalar na figura principal as figuras A, E, I, O. Os quadrados escuros não se deverão separar. Chegar-se-há ao resultado desejado, com certa minuciosidade e muita paciência.



Tereza: — Muito inteligente é o Alexandre! Tem intelligência por dois.
 Mafalda: — Porque não casas com êle? Era o que te convinha.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM SETEMBRO DE 1927

LITERATURA

CARTON (PAUL) — *Vida Perfeita*. Comentários aos Versos de ouro dos patagóricos. Trad. de Fernando Sá. 3.ª ed. 222 p. 8.º c. o retr. do A. — 7\$50.

CORRÊA DE OLIVEIRA (ANTÓNIO) — *Os sinos do cativo*. (Na Hora Incerta ou A Nossa Pátria. Livro 8.º). 76 p. — 6\$00.

COULEVAIN (PIERRE DE) — *A Ilha Desconhecida*. Trad. de Alvaro de Vasconcelos. 352 p. 8.º — 10\$00.

DELLY (M.) — *Por trás da máscara*. (O Mestre do Silêncio). Trad. de Aurora Jardim Aranha. 2.ª ed. 350 p. 8.º — 10\$00.

MATOS SEQUEIRA (VASCO DE) — *Canligas que a gente canta*. Prefácio de Silva Tavares. 62 p. 8.º c. capa il. — 5\$00.

QUEIRÓS (EÇA DE) — *Uma Campanha Alegre*. Das *Farpas*. I e II vols., 8.º — 22\$00.

RICHEMOND (ÓSCAR) — *Os bandidos da Serra Morena*. Romance policial. — 5\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *O filho do Leão de Damasco*. Romance de aventuras. Versão do ital. pelo dr. Carlos José de Meneses. 176 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *O Homem de Fogo*. Romance de aventuras. Trad. de Beatriz G. de Freitas. 156 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *Os horrores da Cobrina*. Romance de aventuras. Versão livre do dr. José Carlos de Meneses. 121 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *Na costa do Brasil*. Romance de aventuras. Versão de Beatriz G. de Freitas. 171 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.

SALGARI (EMÍLIO) — *A vingança do gigante*. Romance de aventuras. Versão livre do dr. José Carlos de Meneses. 132 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.

TAVARES BARATA (MARIA TERESA) — *O Doutor da Quinta do Sobreiro*. (Costumes da poética região do Vouga). 190 p. 8.º — 5\$00.

TERRAIL (PONSON DU) — *As luvas envenenadas*. Romance de capa e espada. 189 p. 8.º c. capa il. — 5\$00.

VAUDIN (ÓSCAR) — *A Ameaça*. Versão livre de Maria Teresa. 191 p. 8.º c. capa il. — 5\$00.

VAUDIN (ÓSCAR) — *O Segredo Terrível*. Versão livre de Maria Teresa. 190 p. 8.º c. capa il. — 5\$00.

VAUDIN (ÓSCAR) — *A Sombra do Passado*. Versão livre de Maria Teresa. 168 p. 8.º c. capa il. — 5\$00.

VERONA (GUIDO DA) — *A Vida começa amanhã*. Romance. Versão do original ital. por F. A. Xavier Rodrigues. 367 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



JOSÉ FRANCÉS

Figura notável da literatura espanhola contemporânea. Novelista de grande poder criador e ensaísta e crítico de arte muitíssimo culto, frequentes vezes a sua pena lem produzido inteligentes estudos e panegíricos relativos a factos e personalidades das nossas letras. O nosso público, muito alheio ainda ao grande movimento das literaturas europeas, desconhece decerto a maioria dos seus livros, o que é lamentável. Mas, que nos lembre, existe já traduzido na nossa língua um romance de José Francés: *A Mulher de Ninguém*, de cujas páginas, rúbidas de paixão, se desprende um perturbador aroma de originalidade.

SCIÊNCIAS CIVIS

BORGES (MÁRIO) — *Governação Industrial*. Conferência. 31 p. — 7\$00.

Código administrativo aprovado por lei de 4 de Maio de 1896, com um apêndice contendo diplomas legislativos. 8.ª ed. oficial. 348 p. 8.º.

Colecção Official de legislação portuguesa. Ano de 1913. Vol. I. 2.ª ed. 562 p. 4.º — 6\$00.

DIAS DA SILVA (JOSÉ INÁCIO) — *A Reforma Judiciária*. Carta ao sr. dr. Manuel Rodrigues. 15 p. — 2\$50.

JÚDICE (ÁLVARO) — *Registo civil português*. Legislação coord. e anotada por... — 331 p. 8.º — 12\$00.

MORAIS (LUÍS DE) — *Resumo de Direito Internacional Público*. 55 p. — 7\$50.

NORONHA (EDUARDO DE) — *Fontes Pereira de Melo e os seus colaboradores*. Complemento do livro *A Regeneração*. (Subsídios para a história da política portuguesa no séc.º XIX). 297 p. 8.º — 12\$50.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BENARUS (ADOLFO) — *Os Judeus*. História estranha deste povo até aos nossos dias. 297 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ANTUNES COIMBRA (JOSÉ C.) — *La Nouvelle Méthode ou Le Français Pratique en 90 leçons*. Para licencs, escolas comerciais e industriais, etc. 303 p. 8.º — 12\$50.

PAULET MAIA (VIRGÍLIO AUGUSTO DA SILVA) — *Método de corte português de fatos*. 2.ª ed. 12 p. c. grav. — 5\$00.

VIEIRA NATIVIDADE (J.) — *Poda de fruteiras*. 89 p. 8.º c. grav. — 12\$00.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados..	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	49\$00	96\$00		BRASIL	52\$00	102\$00
Registados..	53\$80	105\$60		Registados	61\$60	121\$20
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	53\$00	104\$00		ESTRANGIHO	63\$00	124\$00
Registados..	57\$80	113\$60		Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

POMPÍLIO (NUMA) — *Regeneração Social*. Realições. Conferência. 147 p. 8.º c. o retr. do A. — 7\$50.

REIS (JOSÉ ALBERTO DOS) — *Breve estudo sobre a reforma do processo civil e comercial*. 328 p. 8.º — 2\$50.

TAVARES DE CARVALHO (FERNANDO) — *Segredo profissional*. Memória. 39 p.

BELAS-ARTES

BRAAMCAMP FREIRE (ANSELMO) — *Brasões da sala de Sintra*. 2.ª ed. Livro II. 512 p. 4.ª c. grav. — 60\$00.

COELHO (RUI) — *Resposta a um zero*. Desagravo contra o autor das «Notas... falsas». Apontamentos para a história da música em Portugal. 61 p. 8.º — 6\$00.

Livro dos Regimentos dos officios mecanicos da mui nobre e sepre leal cidade de Lisboa (1572), publicado e pref. pelo dr. Vergílio Corrêa (Subsídios para a História da Arte Portuguesa... — XXII). 255 p. 8.º — 15\$00.

BIBLIOGRAFIA

MATIAS LIMA — *Super-livros portugueses inéditos*. 145 p. 8.º — 30\$00.

ROCHA MADAHIL (ANTÓNIO GOMES DA) — *Os Incunábulo da Biblioteca do Liceu de Coimbra*. 49 p.

RELIGIÕES

AVUARD (A.) — *A um (Essência e síntese das religiões)*. Trad. de Henrique de Beires Junqueira. 177 p. 8.º.

BETHLEEM (RENÉ) — *Catecismo da Educação*. 651 p. 8.º — 15\$00.

REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Macau, a nossa florescente colónia do Extremo-Oriente, está sendo objecto duma propaganda intensa e bem ordenada, promovida quer por parte dos elementos officiaes quer dos particulares. Ainda há dois ou três números atrás registámos aqui a recepção de duas publicações relativas à sua Primeira Exposição Industrial e Feira, e já hoje voltamos a referir outra, não menos interessante e prestimosa; um bom volume, com texto bilingue, em português e inglês, contendo a descrição do que foi o referido certame industrial e também a súmula das belezas naturais da região, dos seus monumentos e das melhorias introduzidas no porto da cidade. Esta publicação, muito cuidada no seu aspecto gráfico, apresenta nitidas illustrações e diversos mapas. Editou-a a Direcção das Obras dos Portos e é da autoria, quando à redacção e organização do texto, dos srs. João Carlos Alves e João Barbosa Pires, respectivamente, Engenheiro Director e Chefe da Propaganda das aludidas Obras dos Portos de Macau.

A FUNDAÇÃO DA MONARQUIA PORTUGUESA E A BATALHA DE OURIQUE é um opúsculo que encerra um valioso estudo do sr. general Vitoriano José César sobre aquele facto histórico, ainda hoje tão envolto em brumosas incertezas, sobretudo no que respeita ao local onde foi ferido o combate. O autor, socorrendo-se do muito que se encontra escrito sobre o assunto e sujeitando-o à sua análise crítica, formula depois a sua opinião. É um trabalho que merece ser recomendado, pois tudo quanto evoque as glórias pátrias servirá de incentivo para as novas gerações.

Encontra-se publicada mais uma notável conferência do illustre economista sr. Francisco António Corrêa. Seu título, que denuncia o tema, é A EVOLUÇÃO ECONÓMICA E A CRISE SOCIAL. Há optimos ensinamentos nas suas três dezenas de páginas.

A Figueira da Foz possui uma Comissão de Iniciação que nem um momento descursa os progressos da linda cidade e a sua propaganda, que vai surtindo maiores efeitos de ano para ano. Agora dá ela a lume um Boletim, através de cujo teor se toma o pulso à expansão da vida da bela estância marítima.

Revistas que recebemos regularmente: SEARA NOVA, de doutrina e crítica; REVISTA INSULAR E DE LISBOA, incalculável em exaltar as belezas da Madeira e dos Açores; A GUERRA, em que colaboram muitos dos nossos maiores valores militares; e a REVISTA ANTI-BOLCHEVISTA, que vai já no seu n.º 5 e de que é director o sr. António de Eça de Queirós.

VOGUA



Emmerico

SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDICÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND

CADA NUMERO (AVULSO) Esc. 1\$50

Á VENDA

NO ROCIO, 67
Telefone: NORTE 3075



FOGÕES VACUUM

Nºs 15 e 17
Completamente desmontáveis

rapidez!
economia!
limpeza!



Vacuum Oil Company